

# ACAFA

Nº 4 (2011) On-line

## **TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS)**

### ***Tumulus of Vale de Mós 1 (Vermelha Mountain, Oleiros)***

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco  
Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro,  
Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha  
e Mário Chambino



**Vila Velha de Ródão, 2011**

## **TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS)<sup>1</sup>**

### ***Tumulus of Vale de Mós 1 (Vermelha Mountain, Oleiros)***

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques  
Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro  
Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** *Tumulus*, Pré-História Recente, Serra Vermelha,  
Cordilheira Central Ibérica

**Keywords:** Mound, Recent Prehistory, Vermelha Mountain, Central  
Iberian Range Mountain

---

<sup>1</sup> Este texto corresponde ao relatório final da escavação arqueológica executada em Vale de Mós 1. Os trabalhos foram suportados por GENERG Ventos do Pinhal Interior Lda, dono-da-obra do Parque Eólico de Alvélos/Mata do Álvaro, e por EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia Lda. Imagem da capa: vista panorâmica do local da estrutura, no topo da serra, entre os aerogeradores, tirada de leste. Nesta versão, definitiva, foram introduzidas alterações relativamente à que esteve anteriormente *em linha*.

<sup>2</sup> Membros e colaboradores da Associação de Estudos do Alto Tejo.

## **Resumo**

Documenta-se a escavação arqueológica de uma construção monticular, de geometria circular, com 4m de diâmetro.

A estrutura é constituída por um aterro periférico composto por terra e pequenos fragmentos de quartzo bem calibrados. Encostado a este aterro existe um anel (interno) formado por sequência de lajes de metagrauvaque dispostas radialmente, maioritariamente deitadas, mas inclinadas para o interior. No espaço central foi observado um amplo empedrado constituído por dois níveis de lajes e blocos de metagrauvaque, dispostos tendencialmente em posição horizontal, bem arrumados, e preenchendo o espaço central. Um destes blocos é um fragmento de dormente de mó manual. Na base do anel exterior foi recolhido um pequeno fragmento de cerâmica correspondente a uma taça.

Admite-se a conexão desta estrutura com ritual funerário, atribuível à Pré-História Recente. A sua descoberta e estudo tiveram origem num projecto de produção de energia eólica.

## Abstract

It is documented the archaeological excavation of a mound building, with a circular geometry, 4m in diameter.

The structure consists of a landfill of peripheral land and small, well calibrated, fragments of quartz. Leaning against this landfill there is a (inner) ring formed by a sequence of metagreywacke slabs arranged radially, mostly lying, but leaning towards the interior. In the central space was observed a broad pavement consisting of two levels of blocks and slabs of metagreywacke, arranged in a horizontal position, well groomed, and filling the central space. One of these blocks is a fragment of a grinding stone. At the base of the outer ring a small fragment corresponding to a ceramic bowl was picked up.

It is possible to connect this structure with funerary ritual, attributable to recent Prehistory. This discovery and study was done following a project to produce wind energy.

## Introdução

Em 2002 e 2003 foram efectuados trabalhos de prospecção arqueológica (CANINAS *et al.*, 2003a, 2003b, 2003c) no concelho de Oleiros no âmbito dos estudos de impacte ambiental e de incidências ambientais dos subparques do Aproveitamento Eólico do Pinhal Interior, projecto promovido pelo Grupo Generg SA. Foram executados por EMERITA - Empresa Portuguesa de Arqueologia Lda, a convite das empresas ProSistemas - Consultores de Engenharia SA, Profico Ambiente Lda e Inovação e Projectos em Ambiente, Lda .

Estes trabalhos proporcionaram a descoberta de montículos artificiais, de geometria circular, construídos com terra e pedras (metagrauwaque e quartzo), correlacionáveis com sepulturas pré-históricas (mamoas, *tumulí*), e de grafias rupestres antigas. No entanto, a cobertura vegetal presente em algumas das áreas prospectadas impunha reservas na atribuição cronológico-funcional de algumas daquelas estruturas monticulares, como estruturas funerárias pré-históricas.

Após os vastos incêndios de 2003, e em consequência do desaparecimento das coberturas arbustivas, foi possível confirmar o interesse arqueológico das estruturas anteriormente identificadas e

## TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino

descobrir novos monumentos, de menores dimensões, que estavam anteriormente ocultos pela vegetação arbustiva.

O interesse destes achados motivou a organização de uma visita do técnico da Extensão da Covilhã do Instituto Português de Arqueologia (IPA), o arqueólogo Carlos Banha, e de responsáveis e técnicos da Câmara Municipal de Oleiros e da Assembleia de Freguesia de Oleiros, e, ainda, a publicação de uma primeira notícia na revista Estudos de Castelo Branco (CANINAS *et al.*, 2004).

Em 2005, a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), com longa tradição de inventário arqueológico na região de Castelo Branco, associou-se a estes trabalhos, após os incêndios florestais que percorreram a região (CANINAS, HENRIQUES & GOUVEIA, 2003; CANINAS & HENRIQUES, 2008), promovendo uma primeira campanha de prospeção arqueológica extensiva no concelho de Oleiros, dirigida prioritariamente para áreas de cumeada em zonas aridas<sup>3</sup>.

Nesse ano foram elaborados os Relatórios de Conformidade Ambiental dos Projectos de Execução dos Parques Eólicos de Alvélos, Seladolinho

<sup>3</sup> Trabalhos de Prospeção Arqueológica do Concelho de Oleiros autorizados pelo IPA ao abrigo do Processo 2005/1(302).

e Furnas, e respectivas ligações eléctricas, os quais incorporaram as descobertas efectuadas depois dos incêndios de 2003 bem como novas identificações ocorridas no decurso dos respectivos trabalhos de campo.



Figura 1. Aspecto da estrutura no momento da sua descoberta.

A estrutura de Vale de Mós I, caracterizada neste texto, foi identificada por Álvaro Batista e Mário Chambino, em Abril de 2005, como sendo um

montículo bem definido, com cerca de 5m de diâmetro, evidenciado por concentração de clastos de metagrauvaque e de quartzo leitoso. Estava amputado (Figura 1) em cerca de metade da sua área pela abertura de um caminho florestal<sup>4</sup>.

Com o início dos trabalhos de construção do Parque Eólico de Alvélos o dono-da-obra solicitou um ajustamento no traçado do acesso entre dois aerogeradores, aproveitando o caminho actual. Tal ripagem implicava a destruição da parte sobrevivente da estrutura de Vale de Mós 1, situação que não fora prevista na respectiva Declaração de Impacte Ambiental.

Esta proposta foi apresentada ao IPA tendo-se ponderado o interesse em estudar este tipo de construção, de forma integral, e o facto da estrutura se encontrar amputada em cerca de metade da sua dimensão original. A proposta foi aceite pelo IPA e autorizada a sua execução em 3 de Outubro de 2005, no âmbito do Processo nº 2002/1(518).

---

<sup>4</sup> Ficha 13 do RECAPE do Parque Eólico de Alvélos (CANINAS *et al.*, 2005), ponto de coordenadas UTM ED50 0586384-4420289.

A escavação da estrutura de Vale de Mós 1 teve lugar nos meses de Outubro e Novembro de 2005. Participaram nos trabalhos de campo<sup>5</sup> J. Caninas, A. Sabrosa, J. L. Monteiro, E. Carvalho, A. Germano (engenheiro geólogo), F. Henriques, A. Batista e A. Canha. A caracterização geológica e granulométrica esteve a cargo de A. Germano (engenheiro geólogo). A recolha de amostras paleoambientais foi efectuada por A. Canha. Os desenhos de campo são de A. Sabrosa e de J. L. Monteiro e os desenhos de materiais são de André Pereira. O registo fotográfico esteve a cargo de A. Germano e A. Sabrosa.

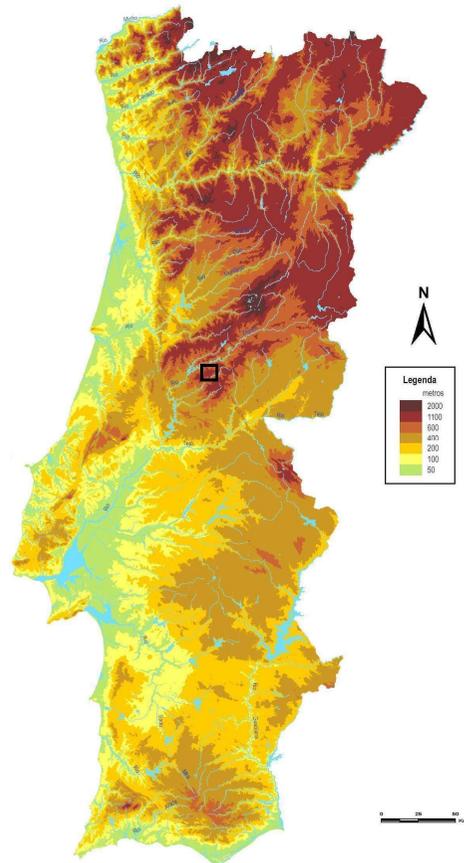
Após finalização da intervenção arqueológica foi solicitada à Doutora Marina Araújo Igreja a análise traceológica de um bloco de metagrauvaque recolhido durante a escavação arqueológica, que nos parecia corresponder a fragmento de dormente de mó manual. Essa colaboração foi prontamente atendida, ainda na qualidade de investigadora do CIPA (Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências). O parecer elaborado por aquela investigadora pode consultar-se em artigo publicado nesta edição da revista digital AÇAFA on-line.

---

<sup>5</sup> Como indicador de trabalho de campo: 66 dias técnicos.

## TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino



**Figura 2.** Localização do trecho da Serra Vermelha (delimitada por um quadrado) onde se situa o *tumulus*, em mapa hipsométrico de Portugal Continental ([www.apambiente.pt](http://www.apambiente.pt))

Os achados efectuados até à data, no âmbito dos estudos de minimização de impactes do Aproveitamento Eólico do Pinhal Interior e da prospecção arqueológica promovida pela AEAT, foram apresentados no Colóquio *Espaços na Pré-História do Centro e Norte Peninsular*, organizado pelo Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, em Viseu (CANINAS *et al.*) e na Exposição *25 Sítios Arqueológicos da Beira Interior* organizada pela Associação de Desenvolvimento Estudo e Defesa do Património da Beira Interior (ARA) e pela Câmara Municipal de Trancoso (CANINAS *et al.*, 2005). Após a realização da intervenção arqueológica em Vale de Mós 1 foi apresentado apontamento acerca destes trabalhos, no contexto da Arqueologia de Oleiros, em reuniões científicas que tiveram lugar em Santiago de Alcântara e em Belmonte, as quais foram publicadas em livro (CANINAS *et al.*, 2008a, 2008b).

Desde os primeiros estudos (Aproveitamento Eólico do Pinhal Interior) até esta data é oportuno salientar o excelente relacionamento estabelecido com vários intervenientes no processo, nomeadamente a Eng.<sup>a</sup> Ana Lopes, a Eng.<sup>a</sup> Ana Guerreiro, o Eng.<sup>o</sup> Vitor Oliveira e o Eng.<sup>o</sup> Helder Serranho, de GENERG SA, as Eng.<sup>a</sup> Lúgia Mendes, Marta Costa e Maria João Pedreira, da ProSistemas SA, a Eng.<sup>a</sup> Ana Chinita, de Profico Ambiente Lda, o Eng.<sup>o</sup> Manuel Pinheiro e o Dr. Manuel Duarte

de Inovação e Projectos em Ambiente Lda e o Dr. Nuno Matos, o Dr. Nuno Nóbrega e a Eng.<sup>a</sup> Maria João Sousa, de Procesi Lda.

É devido um agradecimento à firma CJR Linhas, interveniente na construção do Parque Eólico de Alvélos, nas pessoas do Eng.<sup>o</sup> Miguel Rodrigues e do Sr. Nuno Xavier, pela ligação da área de trabalho à rede geodésica nacional.

A terminar, agradecemos à Prof.<sup>a</sup> Doutora Primitiva Bueno Ramírez, professora catedrática de Pré-História da Universidade de Alcalá de Henares (Espanha) úteis indicações bibliográficas para a compreensão deste achado.

## 1. Localização e enquadramento geológico

A Serra de Alvélos, também denominada Serra Vermelha<sup>6</sup>, em cujo topo se situa a estrutura em apreço<sup>7</sup>, é um extenso relevo que integra o sector Sudoeste da Cordilheira Central Ibérica (Figura 2), abrangido em

<sup>6</sup> Carta Militar Itinerária com Hipsometria de Portugal Continental (escala 1:500.000) Instituto Geográfico do Exército, 1999.

<sup>7</sup> Distrito de Castelo Branco, concelho e freguesia de Oleiros, lugar de Sabugal.

grande parte por área pertencente ao município de Oleiros. Esta serra, com altitude máxima em Povoinha (970m) e orientação geral NE-SO, faz a linha de fecho entre as bacias hidrográficas do rio Zêzere, a Norte, e da ribeira da Sertã, a Sul.

A área da intervenção arqueológica situa-se no seio de vasta formação geológica designada por Complexo Xisto-Grauváquico, hoje denominado Grupo das Beiras. Não é do âmbito deste trabalho abordar temas controversos como a idade destas formações<sup>8</sup> assumidamente ante-ordovícicas. A elevada idade faz com que estas rochas tenham materializados registos das diversas orogenias que afectaram a região, como por exemplo a Hercínica e a Alpina. São, portanto, rochas de um modo geral muito deformadas, povoadas de dobras, fracturas e falhas.

Tendo em conta as litologias presentes no local da escavação (metagrauvaque e quartzo) fez-se uma caracterização da zona envolvente. Desse modo, foi possível identificar afloramentos de cor cinza claro a cinza acastanhado, em que o plano de xistosidade apresenta uma orientação NO-SE e um pendor a oscilar entre os 70° e

<sup>8</sup> Deve salientar-se o facto de não existir cartografia geológica de pormenor (escala 1:50.000) desta região.

os 85° de inclinação para NE. Foram ainda identificadas duas famílias de fracturas e respectivas orientações e pendores: N120° 40 SO; N030° 75SE.



**Figura 3.** Quartzo leitoso, fracturado e com óxidos de ferro, em filão de quartzo observado numa barreira de estrada entre Oleiros e Cruz do Casal Novo (foto de AG)

O quartzo, presente na estrutura em apreço, é proveniente de estruturas filonianas que preenchem fracturas existentes (Figura 3). Estes filões encontram-se muito fracturados e com precipitações de óxidos de ferro, provocando uma coloração alaranjada principalmente nas zonas de fractura.

## 2. Objectivos

A estrutura de Vale de Mós 1 situa-se junto do caminho de ligação entre os aerogeradores 2 e 3 do Parque Eólico de Alvélos, o qual, de acordo com o Projecto, deveria passar a Sul do monumento. O ajustamento proposto, pelo dono-da-obra, consistiu na ripagem do traçado anteriormente projectado para Norte, até coincidir com o estradão actual, implicando a total afectação da estrutura arqueológica.

Deste modo, a intervenção arqueológica teve como objectivo a escavação integral do que restava da estrutura monticular, de geometria circular, reduzida que estava em cerca de metade da sua dimensão original, em consequência da abertura de estradão ao longo da cumeada. A instalação deste caminho, em data recente, com

rebaixamento do piso na zona de passagem pelo monumento, deve estar associada ao povoamento florestal contíguo constituído por monocultura de eucalipto.

De acordo com o plano inicialmente estabelecido e aprovado pelo IPA, pretendia-se efectuar um estudo tão completo quanto possível deste monumento e confirmar a sua inserção cronológico-cultural no contexto dos rituais funerários da Pré-História Recente. A metodologia proposta tinha em atenção conhecimentos adquiridos no estudo de pequenas arquitecturas monticulares.

Apesar da semelhança morfoestrutural com *tumuli* da região de Viseu e Aveiro (ver por exemplo, CRUZ, 1995; CRUZ & VILAÇA, 1999; CRUZ, GOMES & CARVALHO, 1988 e 1998; KALB & HOCK, 1979; SILVA, 1997) não era prudente estabelecer, *a priori*, a cronologia da estrutura em estudo, embora se admitisse a sua antiguidade pré-histórica.

Foi solicitado apoio ao Laboratório de Paleobotânica do CIPA (Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências), através dos Doutores José Eduardo Mateus e Paula Queiroz, na recolha e estudo de dados paleoambientais.

### **3. Trabalhos executados**

#### **3.1. Introdução**

No início da intervenção arqueológica, o sítio foi visitado pelo arqueólogo da Extensão da Covilhã do IPA, Dr. Carlos Banha, pelos Doutores José Mateus e Paula Moreno, do CIPA, e pelo Eng.º Sião Reis, da GENERG SA, engenheiro responsável pela obra de construção do Parque Eólico de Alvêlos.

#### **3.2. Caracterização da estrutura e sua implantação**

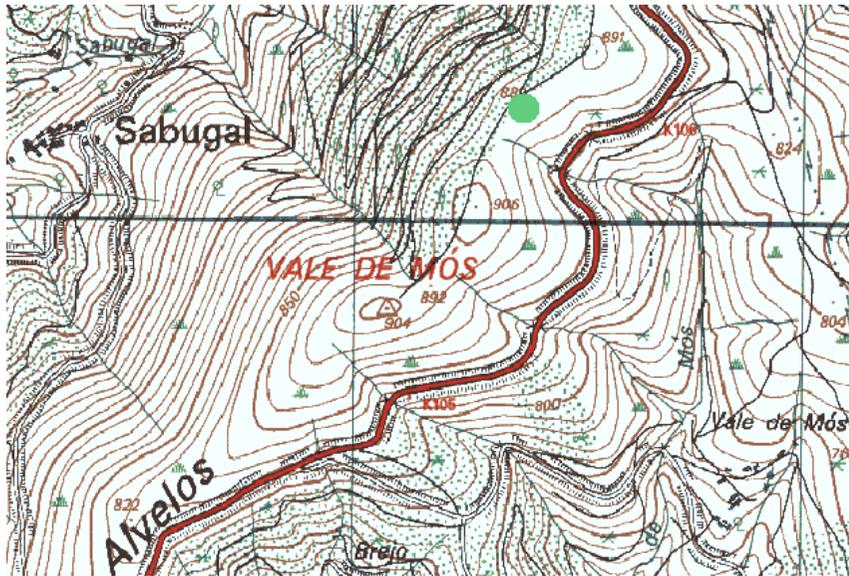
A estrutura 1 de Vale de Mós foi construída num suave colo (ou *selada* como se diz nesta região) entre dois cabeços situados no topo da Serra de Alvêlos, cerca de 500m a NE do vértice geodésico Vale de Mós (Figuras 4 e 5). Na encosta voltada a NO situa-se a aldeia de Sabugal e na encosta SE o lugar de Vale de Mós.

Encostada à estrutura, no lado SE identificou-se troço de antiga via de carroças, evidenciada por depressão, em canal, no substrato rochoso e por sulcos de rodados. Este tipo de convergência entre estruturas

## TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino

monticulares e vias é recorrente nas serras desta região (CANINAS *et al*, 2004, 2008<sup>a</sup>).



**Fig. 4.** Localização da estrutura em extracto da folha 277 da Carta Militar de Portugal na escala 1:25.000 (Serviço Cartográfico do Exército).

A estrutura encontrava-se, portanto, confinada entre o estradão actual e a antiga via de carroças, hoje abandonada. Além disso, eram visíveis revolvimentos superficiais com deposições frescas de amontoados de

terra resultantes da passagem de maquinaria pesada, talvez associada à abertura do caminho e/ou à instalação do eucaliptal.



**Figura 5.** Vista panorâmica, de Sul para Norte, do local da intervenção arqueológica (foto de JC)



**Figura 6.** Outra vista do local dos trabalhos tomada no estradão de SO para NE (foto de JC)

Aquando da sua descoberta, em Abril de 2005, apresentava-se parcialmente mascarada por vegetação arbustiva e herbácea (seca), o que não impediu a percepção da presença de um microrelevo e de uma concentração anormal de blocos de metagrauvaque e, principalmente, de pequenos clastos de quartzo leitoso. Não se detectou depressão

correspondente a contentor funerário nem subestruturas como anéis de contenção.

Embora localmente isolada, esta estrutura, de génese claramente antrópica, poderia ser contextualizada com outras, de dimensões e características equiparáveis, identificadas ao longo da linha de cumeada da Serra e em lombas perpendiculares a esta (bibliografia já citada).

### **3.3. Trabalhos efectuados**

#### **3.3.1. Implantação da área de trabalho**

A delimitação a área de trabalho, um polígono quadrangular, consignou uma abordagem por quadrantes<sup>9</sup>, privilegiando uma escavação em área, considerando a tipologia da estrutura em estudo e em particular a sua geometria circular.

<sup>9</sup> Estando a estrutura reduzida a metade do seu perímetro foram estabelecidos apenas dois quadrantes, que a abrangiam de modo simétrico. Significando *quadrante*, “qualquer das quatro partes em que se divide a circunferência com dois diâmetros perpendiculares” (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Temas & Debates, Lisboa, 2005), é óbvio que os dois quadrantes restantes se anularam em consequência da amputação provocada na estrutura pela instalação do caminho.

## TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino



**Figura 7.** Vista geral do sítio. Assinala-se a área de trabalho quadrangular com 10m de lado e se observa o corte do caminho, já acertado (foto de AG).

A marcação da área de trabalho teve em conta o corte provocado pela abertura do caminho florestal. Deste modo fez-se coincidir um dos lados do polígono de trabalho com o coroamento desse corte (Figuras 6 e 7). Apesar da estrutura se apresentar amputada em metade da sua área, manteve-se a configuração quadrangular para esta área, a qual foi

estendida para SE da estrutura com o objectivo de abranger o troço de via antiga presente na sua vizinhança.



**Figura 8.** Vista geral da área de trabalho correspondente ao Plano 0 (foto de AG).

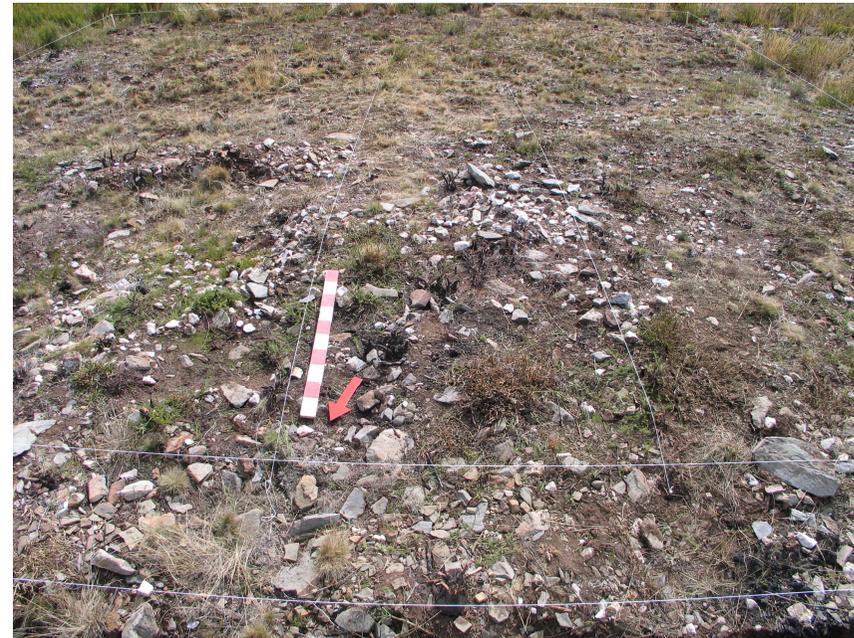
A primeira acção consistiu na marcação de uma área quadrangular com 10m de lado apoiada em estacas de madeira em cada um dos quatro cantos e confinada com fio de nylon. Fez-se de seguida uma limpeza do terreno com corte da vegetação arbustiva e herbácea presente no

interior dessa área e na sua envolvente. Executou-se registo fotográfico de conjunto, antes e depois da limpeza, e marcação da área de trabalho.

Considerou-se como Plano 0 a superfície exposta, após a limpeza de vegetação (dominantemente arbustiva, constituída por urze e carqueja) e a remoção de pedras soltas (Figuras 8 e 9). A observação desta superfície gerou alguma perplexidade quanto à metodologia a seguir, uma vez que não se observava, a olho nu, uma regularidade volumétrica que permitisse delimitar o montículo. De facto, após a limpeza do terreno eram mais evidentes as alterações provocadas, em data recente, pela passagem de maquinaria pesada, com rasgos no solo e deslocamentos de terra e pedras.

Perante esta situação, e após quadriculagem da área (com base em quadrículas de 1m<sup>2</sup>) optou-se por não fazer o desenho do Plano 0 substituindo tal registo pela fotografia (vertical) de cada uma das quadrículas a decapar e apenas destas. As quadrículas foram identificadas com duas *coordenadas*, projectadas em dois eixos ortogonais, uma letra e um número, do seguinte modo: as quadrículas do eixo paralelo ao estradão foram numeradas de 1 a 10 com sentido

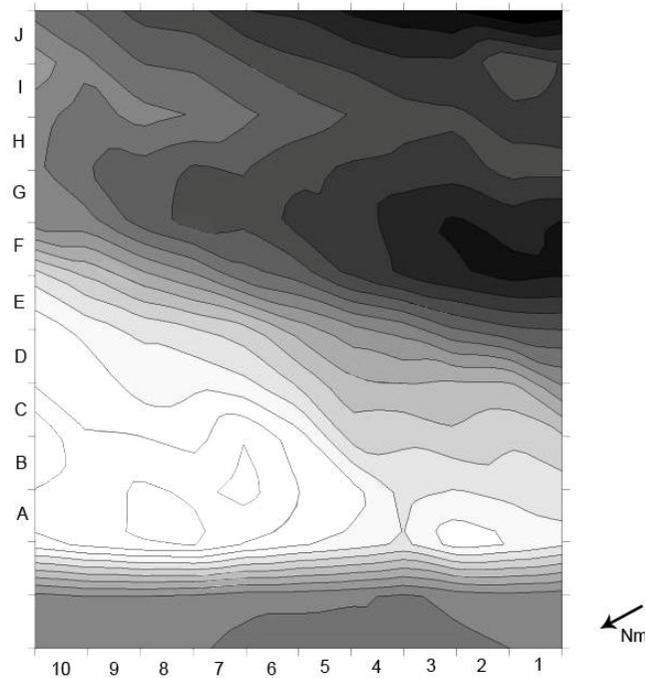
crecente de SO para NE; as quadrículas do eixo perpendicular ao estradão foram nomeadas com letras de A a J, ordenadas de NO para SE.



**Figura 9.** Outro aspecto do Plano 0.

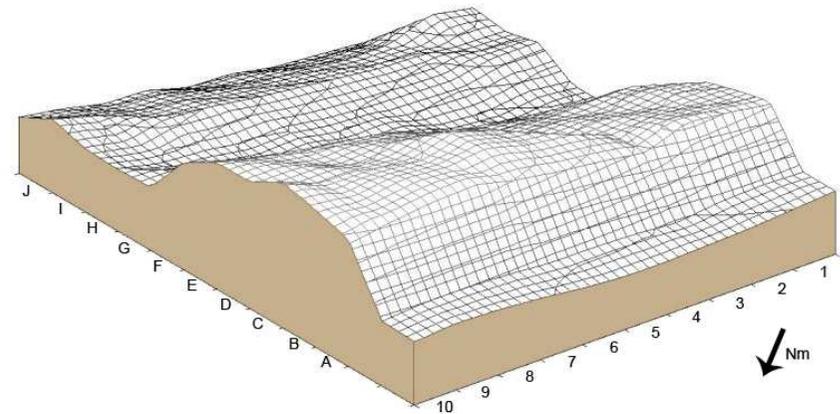
Seguidamente, fez-se o levantamento topográfico de pormenor, do terreno, com nível, tomando com compasso de 1m. Com o objectivo de

representar o corte provocado pelo caminho, decidiu-se estender a área do levantamento topográfico para cima deste, acrescentando à área de trabalho uma faixa de 2m de largura. A área de levantamento passou a ter 10m x 12m de dimensão.



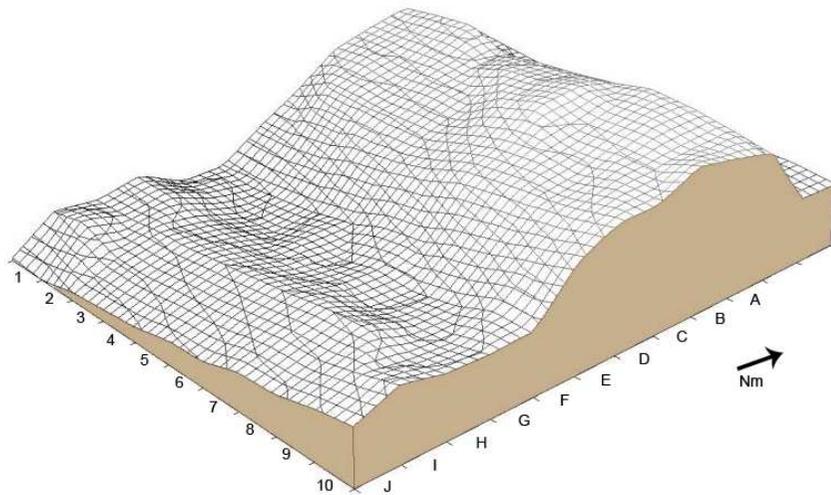
**Figura 10.** Levantamento topográfico de pormenor da área de trabalho (edição de AS).

Estabeleceu-se como zero altimétrico um ponto situado no lado oposto do caminho, onde também se montou o crivo. Tomaram-se 143 cotas nos pontos de cruzamento da quadriculagem da área de 10m x 12m. Estes dados foram restituídos sob a forma de curvas de nível (com 5cm de equidistância) representadas em plano e em perspectiva com recurso ao Programa Surfer 6.



**Figura 11.** Perspectiva do levantamento topográfico de pormenor de Norte para Sul (edição de AS).

Os resultados da topografia de pormenor (Figuras 10, 11 e 12) são pouco esclarecedores para a delimitação rigorosa da posição e contorno da pressuposta estrutura monticular, mas são evidentes as depressões correspondentes aos andamentos das vias, antiga e actual.



**Figura 12.** Perspectiva do levantamento topográfico pormenor de Este para Oeste (edição de AS).

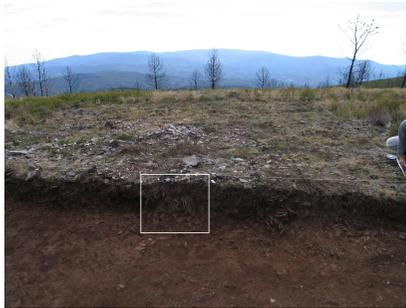
Antes da tomada de decisão sobre a delimitação da área de escavação, procurou-se obter indícios da posição do montículo, e em particular do seu centro, executando o acerto do corte provocado pelo caminho. Esta tarefa traduziu-se numa verticalização e limpeza do corte, provocando um ligeiro recuo deste, ao longo de uma frente de 10m.

Pretendia-se perceber a interface entre o solo e o substrato geológico e a existência de estruturas antrópicas, positivas ou negativas, como concentrações anómalas de pedras, nomeadamente de quartzo, e de eventual depressão, ou fossa, correspondente ao núcleo do monumento que se admitia ter sido seccionado pela abertura do caminho.

Os resultados foram pouco animadores. O corte efectuado evidenciou a presença de um nível de solo, pouco espesso e regular, sobre substrato geológico e escassos indícios do limite do montículo.

Este solo, em toda a área intervencionada, é pouco compacto, argiloso (plasticidade mediana quando hidratado), de granulometria fina a muito fina (<2mm), apresentando-se não estratificado e “pouco evoluído” com uma espessura máxima de 20cm. Tem uma coloração castanha muito escura, a oscilar entre 7.5YR2.5/2 e 7.5YR2.5/3 (escala de Munsell). Dado que serve de suporte a urzes e carquejas tem muitas raízes na

sua constituição. Sobre põe directamente o substrato geológico de metagrauvaque, o qual se apresenta muito alterado e com estratificação em disposição tendencialmente vertical (Figuras 13 e 14).



**Figura 13.** Vista geral do corte (foto de AG)



**Figura 14.** Detalhe da constituição do corte (foto de AG)

No topo do corte, contíguo à quadrícula A7, identificaram-se alguns elementos de quartzo que poderiam indicar o limite do montículo. Não se detectaram irregularidades correlacionáveis com a estrutura central do monumento ou a presença de um contentor funerário. Perante os resultados, não se considerou necessário desenhar este corte.

### 3.3.2. Primeira fase de decapagem

Deu-se início à decapagem dos dois quadrantes que abrangiam a área da estrutura remanescente e que denominámos como quadrante Este e quadrante Sul, em função dos pontos cardeais. Para o efeito, a primeira acção consistiu na marcação de um eixo perpendicular ao limite da área de trabalho confinante com o estradão.

A posição deste coincidiu com o limite entre o conjunto de quadrículas identificadas com o nº 5 e o conjunto das que se atribuiu o nº 6 (Figura 15). A escolha desta posição pressupõe que tal linha passaria sobre o centro da estrutura e que faria a fronteira entre os dois quadrantes.

No quadrante Este delimitou-se uma área de trabalho rectangular com os lados medindo 2m e 3m (A6, A7, B6, B7, C6, C7). No quadrante Sul marcou-se zona com idênticas dimensões e posição relativa (A4, A5, B4, B5, C4, C5).

Posteriormente, e em face dos resultados das decapagens, acrescentou-se uma quadrícula no quadrante Este (A8) e duas no quadrante Sul (A3, B3) na coalescência com as áreas anteriormente marcadas.

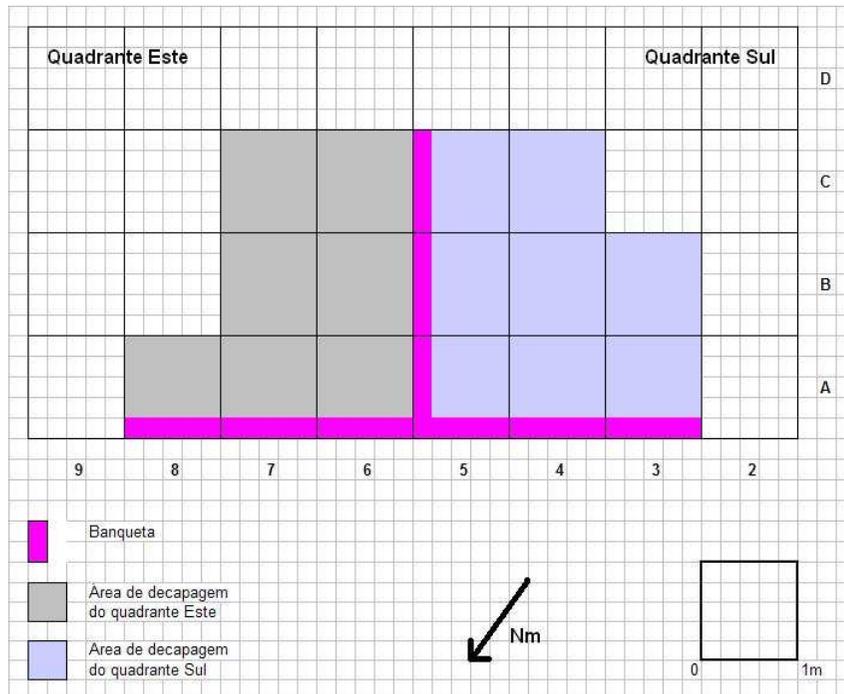


Figura 15. Localização das quadrículas intervencionadas.

Marcaram-se duas banquetas ortogonais, com 20cm de largura, ao longo dos limites dos conjuntos de quadrículas A5-B5-C5 e A3-A4-A5-A6-A7-A8, uma dimensão proporcional à potência de solo ali existente.

Para se obter uma caracterização dos clastos utilizados na construção da estrutura estabeleceu-se uma contagem do número de elementos retirados, por conjuntos correspondentes aos diferentes planos de decapagem e aos dois quadrantes considerados. Esta tarefa foi orientada e executada pelo membro da equipa com formação geológica (AG).

Foram estabelecidos os seguintes calibres. Para o metagrauwaque, que exhibe forma geralmente alongada, considerou-se 10cm de comprimento como valor limiar estabelecendo-se duas classes de contagem: *menor ou igual a 10cm*; *maior de 10cm*. Para o quartzo, que assume forma paracúbica consideraram-se as duas seguintes classes: *menor ou igual a 5cm de aresta*; *entre 5cm e 10cm de aresta*.

As várias contagens foram discriminadas de acordo com os seguintes parâmetros: quadrante; plano; calibre; natureza. A primeira contagem correspondeu ao volume situado entre o Plano 0 e o Plano 1.

Os trabalhos de decapagem incidiram em simultâneo nas seis quadrículas inicialmente delimitadas no quadrante Este (qEste). A remoção de terra, executada de forma delicada, procurou manter o maior número possível de pedras *in loco* e foi acompanhada por

peneiração a seco das terras retiradas. No decurso dos trabalhos, e até final da campanha, não se encontrou no crivo um único dado de interesse arqueológico.

Ignoraram-se os carvões presentes nas terras retiradas dado corresponderem a incarbonizações recentes decorrentes das abundantes raízes presentes no solo, com destaque para várias *torgas* de difícil remoção e que atravessavam a estrutura de alto a baixo.



**Figura 16.** Fase inicial de decapagem do quadrante NE.



**Figura 17.** Outra vista da fase inicial de decapagem do quadrante NE.

Após a remoção do primeiro nível de decapagem no qEste era já evidente a emergência de uma concentração regular de pequenos clastos de quartzo leitoso (Figuras 16 e 17). Este resultado aconselhou

o aprofundamento da decapagem, em toda a extensão do quadrante, até um nível que se convencionou chamar Plano 1.

A estrutura posta à vista apresentava uma regularidade, extrapolável ao restante circuito do monumento, e um estado de conservação adequado a uma fácil percepção da sua constituição (Figura 18). De facto, apresentava-se constituída por uma coroa (periférica) de terra e de pequenos blocos de quartzo leitoso, elevada em relação ao exterior e definindo desta forma o limite perceptível do monumento, e um núcleo, extenso, ocupado quase exclusivamente por blocos de metagrauvaque.

A compreensão da estruturação deste núcleo comportava maior dificuldade, embora fosse evidente que a sua interface com o anel externo era delimitada por uma sequência de lajes (clastos alongados) de metagrauvaque dispostas radialmente, configurando dessa forma uma segunda coroa, concêntrica com a primeira. Além disso, as lajes evidenciavam uma pequena inclinação para o interior do monumento.

Em continuidade com esta coroa, interna, o espaço apresentava-se preenchido por lajes de metagrauvaque dispostas horizontalmente, por vezes sobrepostas, com orientações diversas. Tentou-se identificar a presença de alinhamentos ou regularidades que pudessem indiciar o

**TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)**

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino

topo de uma estrutura de delimitação de um contentor funerário. Mas a observação visual não sustentava essa hipótese.



Figura 18. Plano 1 no quadrante Este.

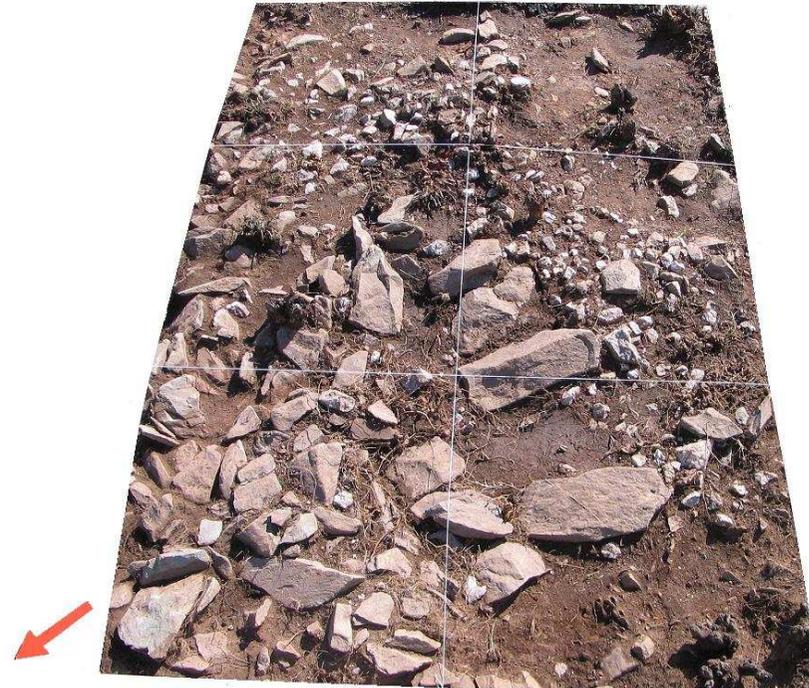


Figura 19. Plano 1 no quadrante Sul.

Perante, estes dados, promissores quanto ao interesse arqueológico da estrutura, impunha-se executar a decapagem do quadrante Sul (qSul) correspondente à fase 1 ou Plano 1. Executada de igual modo a decapagem do quadrante oposto, os resultados foram concordantes

com os acima descritos. A estrutura que se observava no final da decapagem era simétrica e repetia as características já evidenciadas do exterior para o interior do monumento (Figura 19), embora num de estado de conservação mais deficiente, já que era patente o desaparecimento de algumas lajes radiais e parte da sequência de quartzo leitoso na coroa exterior.

Não estando evidenciados os topos de um contentor bem delimitado por pedras fincadas, admitia-se que o núcleo central de lajes de xisto, embora sobredimensionado, pudesse corresponder ao fecho ou cobertura de um contentor em fossa, por analogia com *tumuli* escavados na região de Viseu.

O seu estado de conservação indicava, que a ser antiga, esta estrutura nunca fora sujeita a lavras tradicionais, as quais, dada a sua posição superficial, teriam decerto causado danos mais generalizados. Facto que também indicava que o solo destas terras altas não tinha sido utilizado para produção agrícola, tanto num passado distante como em época mais recente.

Dado verificar-se que o rebordo da estrutura coincida com o limite das quadrículas intervencionadas decidiu-se estender a decapagem às

quadrículas A3, A8 e B3. Constatou-se que a coroa exterior não atingia as quadrículas A8 e B3, mas apresentava vestígios na quadrícula A3.



Fig. 20. Vista da decapagem geral da estrutura (Plano 1).

A decapagem executada removeu uma unidade estratigráfica (UE1) constituída, de forma incoerente, por terra, pequenos clastos de quartzo leitoso e pequenas lajes de metagrauvaque. Poderia corresponder a

restos de uma unidade de fecho ou condenação da estrutura central, conferindo-lhe morfologia monticular. A sua irregularidade poderia dever-se fundamentalmente a perturbações provocadas em data recente por máquina florestal. Não foi possível discriminar o limite desta unidade no exterior do monumento.

Face aos resultados obtidos até àquele momento, optou-se por desmontar as duas banquetas ortogonais. Este plano foi desenhado à escala 1:10.

Na Figura 20 tem-se uma vista de conjunto da estrutura posta à vista no final da decapagem (Plano 1). Observa-se uma concentração de blocos de metagrauvaque, com sobreposição, na parte correspondente ao qEste. As falhas que se observam no perímetro da estrutura, no qSul, tanto no anel interno (lajes dispostas radialmente) como no anel externo (aterro com quartzo leitoso), podem resultar de arrasto provocado em data recente pela passagem de maquinaria pesada.

### **3.3.3. Desmonte da estrutura central**

A tarefa seguinte consistiu na remoção, por planos horizontais, dos elementos líticos que constituíam a “estrutura” central. Esta operação de

escavação, que conduziu à definição de um novo plano, foi acompanhada pela segunda contagem dos clastos removidos (entre o Plano 1 e o Plano 2), segundo os parâmetros anteriormente indicados, e pela crivagem de terras a seco.

Como resultado desta operação observou-se um empedrado composto exclusivamente por lajes de metagrauvaque, em disposição predominantemente horizontal, tal como fora visto no nível sobranceiro. As terras retiradas eram ligeiramente mais claras, com menor incorporação orgânica mas igualmente soltas. Constatou-se, novamente, a ausência de estrutura vertical conecta com um contentor funerário, ou indícios de estrutura negativa (fossa).

No final do desmonte, do nível superior do empedrado, fez-se desenho da estrutura posta à vista, no centro do monumento. Os resultados da representação deste plano foram acumulados com a representação do plano anterior, na planta geral cotada que se apresenta na Figura 21. Os cambiantes de cinzento ilustram a posição dos clastos de metagrauvaque correspondentes às três unidades identificadas: o anel interno; o plano superior do empedrado identificado no núcleo; o plano inferior do mesmo empedrado nuclear.

**TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)**

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino

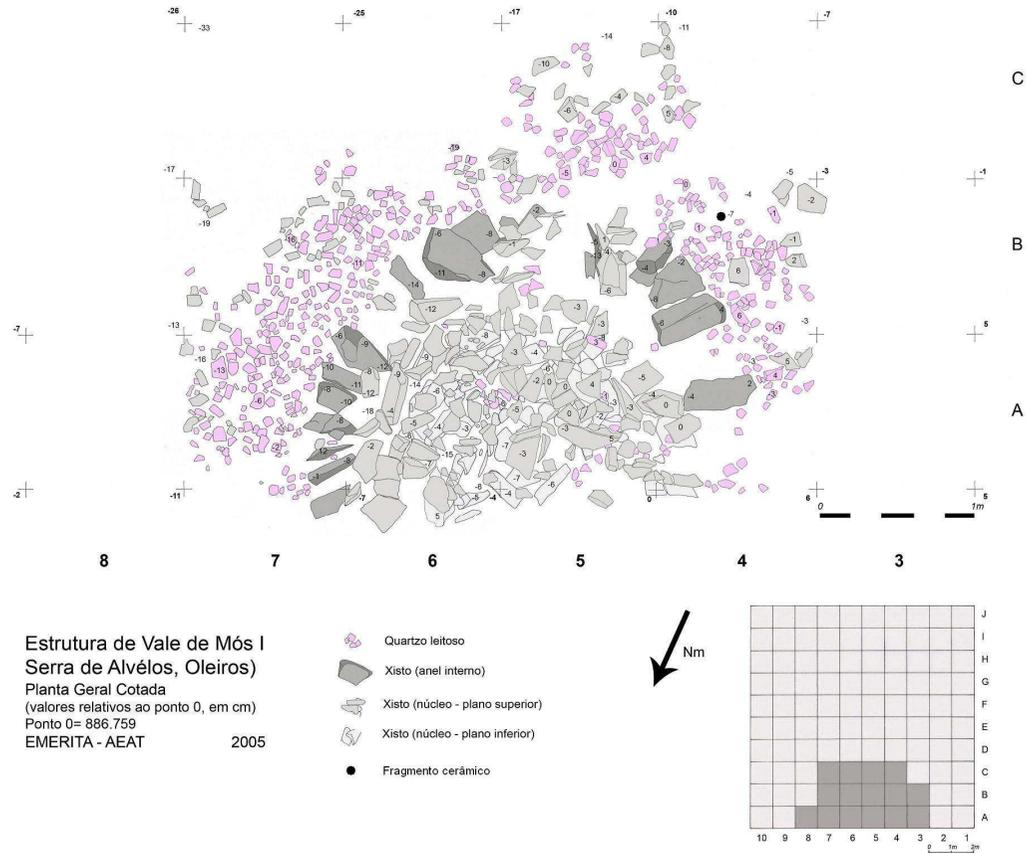


Fig. 21. Planta geral cotada (Plano 1). Cotas em centímetros.

## TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino

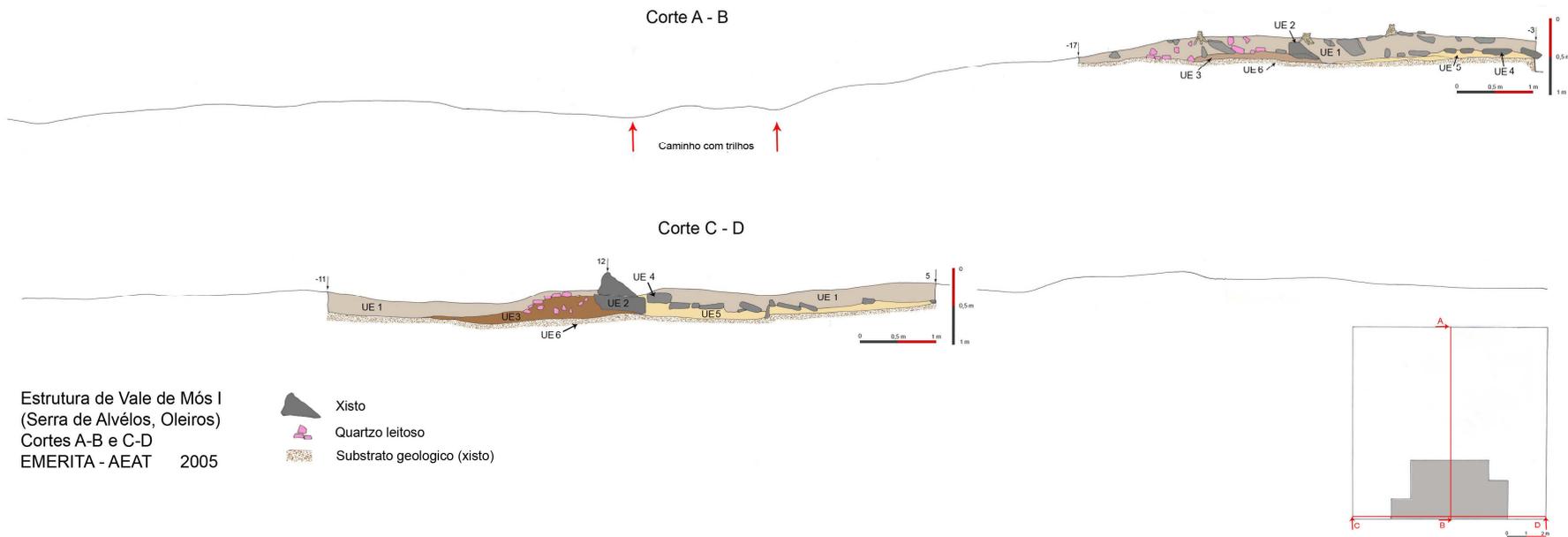


Figura 22. Dois cortes executados segundo eixos ortogonais. Cotas em centímetros.

A regularidade da estrutura era evidente, pela identificação das diferentes partes que a constituíam, contrastadas pela dimensão, pela disposição e pela natureza dos materiais utilizados, apesar das perturbações antrópicas que sofreu. Os clastos de metagrauvaque do núcleo jazem predominantemente em posição horizontal, e apresentam-se em geral bem arrumados, isto é, encostados entre si de modo a eliminarem espaços vazios. Mas também eram evidentes os estalamentos e deslocamentos verticais de alguns elementos provocados pela pressão exercida pelo crescimento das múltiplas torgas que se instalaram naquele espaço. No anel interno eram evidentes algumas falhas resultantes da retirada de lajes de metagrauvaque do seu circuito, em momento que não pudemos determinar, em ambos os quadrantes, mas sobretudo no qSul. Na quadrícula B5 observou-se uma interrupção na disposição geral das lajes, com fincamento vertical de duas delas, como que definindo uma abertura, embora diminuta.

#### **3.3.4. Desmonte geral da estrutura**

A fase seguinte dos trabalhos foi executada em três diferentes etapas. Em primeiro lugar desmontou-se o segundo nível de empedrado posto à vista na operação anterior e escavou-se o espaço central até ao

substrato rochoso. De seguida fez-se o desmonte da coroa exterior constituída por terra e quartzo leitoso e, finalmente, removeram-se as lajes de metagrauvaque da coroa interna.

Com a remoção do segundo nível de empedrado interno verificou-se não existir, subjacente, qualquer construção equivalente. De facto, a estrutura removida assentava quase directamente sobre o substrato rochoso em grande parte daquele espaço. Mas também se apoiava sobre um enchimento de terra e pequenos clastos de metagrauvaque, dispostos com orientações diversas, o qual preenchia depressões existentes na superfície do substrato rochoso.

Tal desnivelamento tinha a forma de uma pequena cova de contorno irregular no qSul, entre as quadrículas A5 e B5. Tal cavidade não evidenciava ter função autónoma, atendendo à sua configuração, posição, profundidade e enchimento. Tal enchimento correspondia, aparentemente, à regularização do “chão” do interior do monumento (Figura 23).

Como resultado da escavação do núcleo ou “interior” não se identificaram indícios que permitissem uma aproximação à identificação da sua funcionalidade. De facto, estavam ausentes artefactos de

carácter ritual, cerâmicos, líticos ou mesmo metálicos. Também não se encontraram indícios da ocorrência de combustões elevadas, acima ou abaixo do empedrado, que poderiam ser evidenciadas por termoclastos, pela presença de terra rubefacta ou por concentrações anómalas de carvões.



**Figura 23.** Final da escavação do espaço interior da estrutura.

A etapa seguinte consistiu na escavação da coroa exterior, constituída por terra e quartzo leitoso. Essa operação incidiu, primeiramente, no qSul e, concluída aí, foi executada de igual modo no qEste.

As suas características podem considerar-se homogéneas em todo o perímetro analisado. Tratava-se de um aterro, isto é, um depósito sobrelevado em relação ao exterior e ao interior do monumento, o qual se apresentava capeado por dois níveis de clastos de quartzo leitoso, muito bem calibrados. De facto, no interior de tal aterro, embora não estando ausentes, eram escassos os clastos de quartzo, em comparação com a superfície exposta no plano 1. Tal concentração de quartzo na superfície do aterro poderia equiparar-se a uma couraça pétreia, tomando como paralelo o capeamento presente em montículos de maiores dimensões (mamoas). Este aterro parecia, afinal, servir de suporte ao arco interno de lajes de metagrauvaque.

Na quadrícula B4, na base do aterro, encontrou-se, *in situ*, um fragmento cerâmico (ponto negro na Figura 21 e Figura 29), de fabrico manual, com paredes alisadas, correspondente uma taça, de feição pré-histórica. As fracturas que exhibe são antigas e seguramente anteriores à construção do monumento.

A terceira e última etapa da escavação do monumento consistiu na remoção do anel interno de lajes de metagrauvaque e na escavação do volume subjacente, até ao substrato rochoso.



**Figura 24.** Identificação de posições de colheita nas lajes do anel lítico interno.

A remoção das lajes do anel interno foi orientada, em primeiro lugar para a colheita de ecofactos (ALARCÃO, 2000), tendo em consideração as especificidades da estrutura geral, identificadas nas etapas anteriores. Referimo-nos, nomeadamente, à reduzida potência de terras acumuladas ou constituintes da estrutura, à dificuldade em identificar um horizonte correspondente a solo antigo e, finalmente, à rejeição da

totalidade dos carvões identificados no decurso da escavação, pela forte probabilidade de resultarem de incarbonizações posteriores à construção/utilização do monumento.

Deste modo, admitiu-se que as lajes do anel interno, nas posições em que foram encontradas durante a escavação, jaziam assim desde a construção da estrutura e que na interface com o seu suporte poderíamos encontrar dados mais fiáveis e menos sujeitos a perturbações posteriores. Na maioria dos casos, após a remoção da laje, fez-se uma rápida observação da superfície de contacto inferior seguida de uma raspagem de película superficial ao longo da área de contacto mais compactada. Retiraram-se pequenas quantidades de terra para análise polínica e alguns carvões postos à vista por essa remoção superficial. Os dados recolhidos estão identificados no Quadro 1, de acordo com as posições indicadas na Figura 24.

Após a remoção das lajes de metagrauvaque, do anel interno, verificou-se que estas assentavam numa almofada de terra, que foi escavada até ao substrato rochoso, a qual incorporava alguns pequenos clastos de quartzo leitoso, embora em quantidade diminuta em comparação com o capeamento exterior do aterro. Aquelas lajes estavam, portanto,

assentes sobre o mesmo aterro capeado com clastos de quartzo leitoso (anel externo).

**Quadro 1.**

Identificação de amostras para na análise paleoambiental<sup>10</sup>

Ref <sup>a</sup>	Posição	Conteúdo da colheita
1	Sob laje de metagrauvaque na quadrícula A4	Duas colheitas de carvões e uma colheita de terra para análise polínica
2	Sob laje de metagrauvaque na quadrícula B4	Uma colheita de carvões e uma colheita de terra para análise polínica
3	Sob laje de metagrauvaque nas quadrículas B4 e B5	Uma colheita de terra para análise polínica
4	Sob laje de metagrauvaque na quadrícula B4	Uma colheita de terra para análise polínica
5	Sob laje de metagrauvaque na quadrícula B6	Duas colheitas de carvões
6	Sob laje de metagrauvaque na quadrícula B6	Uma colheita de carvões
7	Sob laje de metagrauvaque na quadrícula A6	Uma colheita de carvões
8	Sob laje de metagrauvaque nas quadrículas A6 e A7	Uma colheita de carvões e uma semente
9	Bloco de metagrauvaque na quadrícula A7	Bloco retirado para confirmação de uso como dormente de mó manual

<sup>10</sup> Ainda não foi possível estudar estas amostras.

Um dos elementos integrantes do anel interno, o bloco identificado como nº 9 na Figura 24, foi recolhido para análise laboratorial (IGREJA, 2011) para confirmar a hipótese de uma das suas faces ter servido como superfície de abrasão em dormente de mó manual (Figura 32). Essa face é regular e aparenta ligeira concavidade. O aspecto final da área abrangida pelos trabalhos de escavação arqueológica está documentado em fotografia na Figura 25.



**Figura 25.** Aspecto final da escavação.

### 3.3.5. Caracterização petrográfica e granulométrica

Do ponto de vista geológico, a estrutura escavada configura uma acumulação anormal de fragmentos líticos que se destacam do espaço contíguo, tratando-se de materiais colectados e posteriormente ali depositados.

O anel exterior é constituído por quartzo, de um modo geral, de aspecto leitoso e com uma calibragem muito coerente. Este quartzo é proveniente de estruturas filonianas que preenchem fracturas existentes na região. Estes filões encontram-se muito fracturados e com precipitações de óxidos de ferro, provocando uma coloração alaranjada principalmente nas zonas de fractura.

O anel interior é constituído por lajes metagrauváquicas de coloração cinza clara. Estas últimas possuem um aspecto “açucarado”, onde é possível identificar macroscopicamente a orientação preferencial dos grãos. Contudo, nem em todas elas é possível identificar os planos de xistosidade. Estas lajes são muito competentes apresentando uma elevada dureza.

A determinação exacta da fácies metamórfica implicaria a realização de lâminas delgadas e uma análise petrográfica mais profunda.

Na tentativa de estabelecer alguma relação entre o volume de fragmentos de metagrauvaque e de quartzo, ou inferir algo sobre a calibragem do quartzo foram contabilizados todas as lajes e fragmentos existentes na estrutura e a sua distribuição espacial.

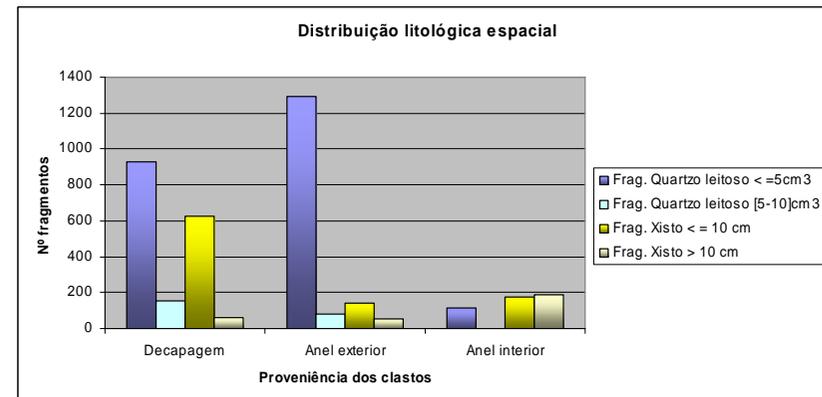


Figura 26. Distribuição granulométrica por litologias e subestruturas (onde se indica 5cm<sup>3</sup> deve ler-se 5cm de aresta)

Os dados foram tratados e estatisticamente analisados, tendo-se obtido os resultados acumulados que se apresentam na Figura 26 e que podem ser sintetizados do seguinte modo:

- as lajes de metagrauvaque de maiores dimensões situam-se no anel ou coroa interior;
- ocorre um número muito reduzido de fragmentos de quartzo na coroa interior;
- o quartzo assume a sua maior expressão na coroa exterior;
- é na decapagem que se verifica a maior acumulação de fragmentos de metagrauvaque com comprimento inferior a 10 centímetros ( $\leq 10\text{cm}$ ), provavelmente devido a uma erosão ocorrida a montante e posterior acumulação sobre a estrutura.

No quadro seguinte (Figura 27) apresentam-se resultados acumulados da caracterização granulométrica por quadrantes e por litologias discriminadas. Da sua leitura é possível constatar:

- a elevada regularidade na comparação por quadrantes;

- a elevada quantidade de quartzo leitoso com granulometria igual ou inferior 5cm de aresta (refira-se que os clastos desta natureza têm forma tendencialmente cúbica).

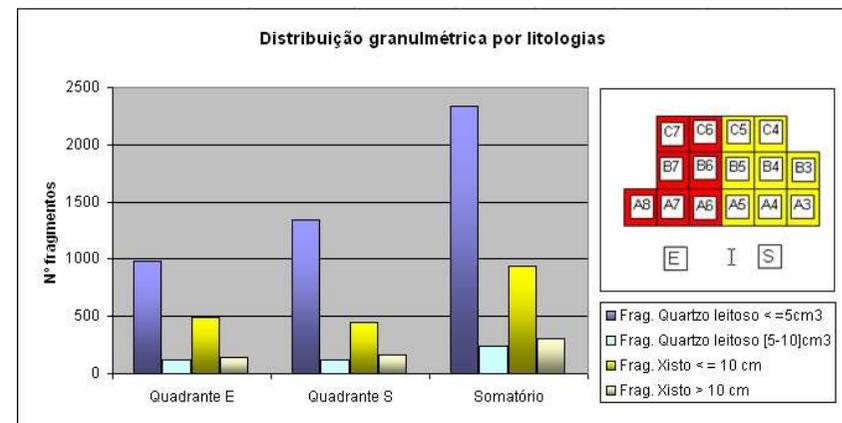


Figura 27. Distribuição granulométrica por litologias e quadrantes.

Finalmente, no quadro da Figura 28 apresenta-se uma outra distribuição dos clastos de quartzo por classes granulométricas e nos dois quadrantes.

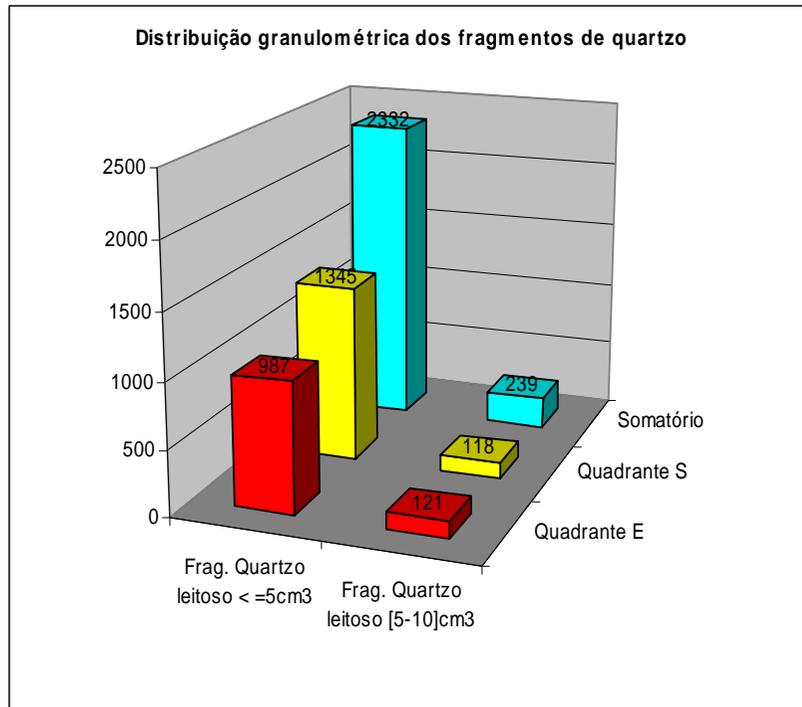


Figura 28. Distribuição dos clastos de quartzo por granulometria e quadrantes.

Os resultados da leitura deste gráfico podem ser sintetizados do seguinte modo:

- observa-se grande regularidade na distribuição do quartzo por quadrantes;

- existe coerência na calibragem do quartzo, com poucos fragmentos a passarem para o intervalo dos 5 aos 10 cm de aresta<sup>11</sup>.

Este facto pode revelar a intenção dos construtores em seleccionar a dimensão dos fragmentos. Contudo, não existem sinais de fractura intencional, até mesmo porque a elevada fracturação dos filões permite a obtenção de clastos com granulometria idêntica à existente.

### 3.3.6. Unidades estratigráficas

As unidades estratigráficas (UE), identificadas no decurso dos trabalhos de escavação arqueológica, foram assinaladas em registo vertical segundo dois cortes ortogonais (Figura 22).

O Corte CD documenta diametralmente a estrutura, bem como o limite NO da área de trabalho (polígono de 10 metros de lado), segundo uma direcção paralela ao corte provocado pela abertura do caminho florestal. O Corte AB tem direcção perpendicular à do corte CD e abrange a totalidade da área de trabalho, registando à superfície a zona de passagem do antigo caminho de carroças.

<sup>11</sup> Esta litologia é dominada maioritariamente pela categoria “seixo” de acordo com a Escala de Wentworth.

**TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)**

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino

Nas seguintes tabelas caracterizam-se as unidades estratigráficas identificadas no decurso da intervenção arqueológica.

Identificação	UE01
<b>Localização</b>	Superficial, em toda a área atingida pela escavação.
<b>Natureza</b>	Sedimentar, eventualmente com clastos de inclusão antrópica correspondentes ao fecho ou cobertura da estrutura.
<b>Descrição</b>	Unidade superficial de cobertura da estrutura e da zona envolvente, constituída por terra solta e clastos de metagrauvaque e quartzo leitoso, de dimensões variadas; é de origem sedimentar, com inclusões provenientes do <i>tumulus</i> e sofreu perturbações antropogénicas posteriores ao abandono da estrutura.
<b>Matriz</b>	Arenosa.
<b>Litologias</b>	Quartzo e metagrauvaque.
<b>Composição</b> <sup>12</sup> (em mais de 10%)	Seixos, grânulos, areias e calhaus.
<b>Calibragem</b>	Mal calibrada.
<b>Compactação ou consistência</b>	Solta.
<b>Inclusões</b> (em menos de 10%)	Blocos, raízes (urze).
<b>Integração estratigráfica</b>	Cobre UE02, UE03, UE04 e UE06.

<sup>12</sup> Calibre dos balastos: bloco >26cm; 26cm> calhau >6cm; 6cm> seixo >4mm; 4mm> grânulo >2mm; 2mm> areia muito grosseira >1mm; 1mm> areias, siltes e argila.

Identificação	UE02
<b>Localização</b>	Em zona interna da estrutura com desenvolvimento perimetral.
<b>Natureza</b>	Estrutural.
<b>Descrição</b>	Estrutura anelar constituída por sequência de clastos de metagrauvaque, maioritariamente lajiformes, formando um único nível, dispostos radialmente, em posição horizontal ou inclinadas para o interior.
<b>Matriz</b>	Pedregosa
<b>Litologias</b>	Metagrauvaque.
<b>Composição</b> (em mais de 10%)	Calhaus e blocos.
<b>Calibragem</b>	Bem calibrada.
<b>Compactação ou consistência</b>	Baixa.
<b>Inclusões</b> (em menos de 10%)	Raízes e radículas nos interstícios. Um dos elementos do anel é um fragmento de dormente de mó manual.
<b>Integração estratigráfica</b>	Apoia-se em UE03, é coberta por UE01 e encosta a UE4.

Identificação	UE03
<b>Localização</b>	Na periferia da estrutura com desenvolvimento perimetral.
<b>Natureza</b>	Estrutural.
<b>Descrição</b>	Aterro de configuração anelar constituído por terra e pequenos clastos de quartzo leitoso, bem calibrados,

**TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)**

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino

	concentrados na superfície do aterro e configurando uma pequena carapaça. No trecho melhor conservado, situado no quadrante Este, a estrutura poderá ter sido marginada por fiada de clastos de metagrauauque.
<b>Matriz</b>	Argilosa.
<b>Litologias</b>	Quartzo e metagrauauque.
<b>Composição</b> (em mais de 10%)	Seixos e calhaus, areias e argila.
<b>Calibragem</b>	Bem calibrada.
<b>Compactação ou consistência</b>	Média a elevada.
<b>Inclusões</b> (em menos de 10%)	Radículas. Fragmento cerâmico corresponde a taça de antiguidade pré-histórica.
<b>Integração estratigráfica</b>	Apoia UE02, é coberta por UE01 e apoia-se em UE06.

<b>Identificação</b>	<b>UE04</b>
<b>Localização</b>	No interior da estrutura, com configuração subcircular e ocupando toda a área escavada.
<b>Natureza</b>	Estrutural.
<b>Descrição</b>	Empedrado constituído por dois níveis de blocos de metagrauauque, dispostos tendencialmente em posição horizontal, bem arrumados, e preenchendo o espaço central, ou núcleo do monumento, que é envolvido pela UE2, mas sobrepondo o extremo inferior de algumas lajes daquela UE.
<b>Matriz</b>	Arenosa (material intersticial).
<b>Litologias</b>	Metagrauauque e inclusões de quartzo leitoso.

<b>Composição</b> (em mais de 10%)	Blocos, calhaus, grânulos e areias.
<b>Calibragem</b>	Moderadamente calibrada.
<b>Compactação ou consistência</b>	Baixa.
<b>Inclusões</b> (em menos de 10%)	Seixos, raízes e radículas.
<b>Integração estratigráfica</b>	É coberta por UE01, encosta a UE02 e apoia-se em UE05 e UE06.

<b>Identificação</b>	<b>UE05</b>
<b>Localização</b>	No interior da estrutura.
<b>Natureza</b>	Estrutural.
<b>Descrição</b>	Camada de terra e pedras de pequenas dimensões, maioritariamente de natureza metagrauauquica, dispostas de forma irregular no preenchimento (regularização) de cavidades existentes no topo do substrato rochoso (UE6). Esta unidade pode ter servido para nivelar o “pisso” interno do monumento.
<b>Matriz</b>	Arenosa.
<b>Litologias</b>	Metagrauauque.
<b>Composição</b> (em mais de 10%)	Seixos, grânulos e areias.
<b>Calibragem</b>	Moderadamente calibrada.
<b>Compactação ou consistência</b>	Média.

## TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino

<b>Inclusões</b> (em menos de 10%)	Algumas raízes e radículas.
<b>Integração estratigráfica</b>	Encosta a UE02, é coberta por UE04 e apoia-se em UE06.

Identificação	UE06
<b>Localização</b>	Na base da estrutura, em toda a área escavada.
<b>Natureza</b>	Geológica.
<b>Descrição</b>	Substrato geológico, metagrauváquico, muito alterado à superfície.
<b>Matriz</b>	Rochosa.
<b>Litologias</b>	Metagrauvaque.
<b>Composição</b> (em mais de 10%)	Substrato geológico com destacamento de seixos (em forma de lasca) resultantes da alteração do horizonte superficial.
<b>Calibragem</b>	Não aplicável.
<b>Compactação ou consistência</b>	Média a elevada.
<b>Inclusões</b> (em menos de 10%)	Algumas raízes e radículas.
<b>Integração estratigráfica</b>	Apoia UE01, UE3 e UE05.

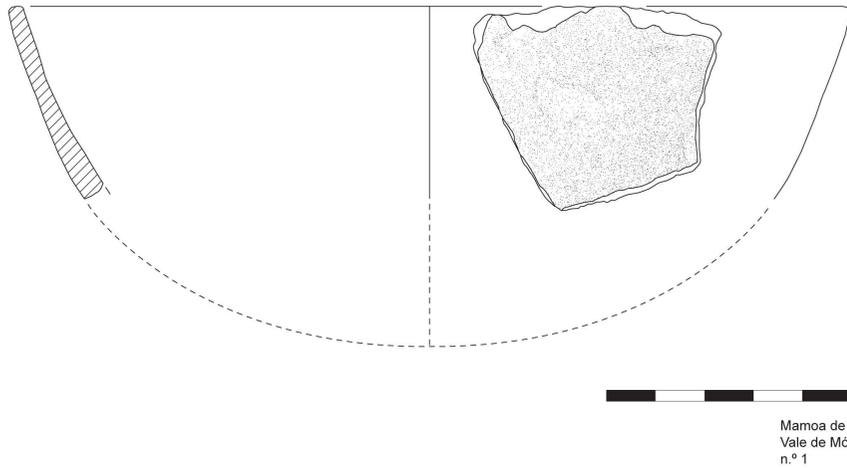
### 3.3.7. Espólio arqueológico

Conforme referido anteriormente foram recolhidos dois artefactos de interesse arqueológico no decurso dos trabalhos de escavação e desmonte da estrutura; um fragmento cerâmico (Figuras 29, 30 e 31) e um fragmento de dormente de mó manual (Figuras 32, 33 e 34), peças que se caracterizam seguidamente.

Código de identificação VM01
<b>Tipologia</b> Recipiente cerâmico.
<b>Localização</b> Quadrante Sul, quadrícula B4. Com a face côncava voltada para baixo.
<b>Coordenadas</b> X = 48cm (medida horizontal tomada em relação ao canto inferior esquerdo da quadrícula) Y = 74cm (medida vertical tomada em relação ao canto inferior esquerdo da quadrícula) Z = - 7cm (distância tomada em relação ao zero de referência altimétrica)
<b>Integração estratigráfica</b> Na base da UE03.
<b>Cronologia</b> Pré-História Recente (Calcolítico? Idade do Bronze?)
<b>Litologia, composição</b> Pasta com pequenas partículas antipláticas (mica e grânulos de quartzo).
<b>Côr</b> 7.5YR 4/2 – brown (seg. Munsell Soil Color Charts 2000)
<b>Outras características</b> Fragmento de parede e bordo de taça de fabrico manual. O bordo é simples e está muito erodido. As paredes apresentam-se alisadas.

**TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)**

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino



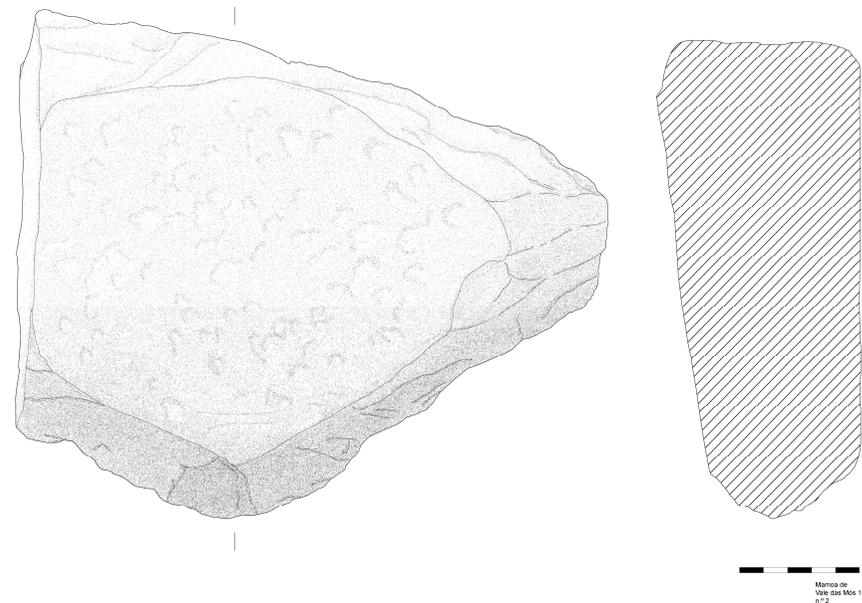
**Figura 29.** Fragmento de taça (desenho de AP).



**Figura 30.** Fragmento de taça: face interna.



**Figura 31.** Fragmento de taça: face externa.



**Figura 32.** Fragmento de dormente de mó manual (desenho de AP).

**Código de identificação** VM02

**Tipologia** Moinho manual.

**Localização** Quadrante Este, quadrícula A7. Integrado em estrutura em forma de coroa de pedras

**Coordenadas (x, y e z)** X = 60cm; Y = 90cm; Z = - 9cm (ponto central)

**Integração estratigráfica** Integra a UE02.

**Cronologia** Pré-História Recente

**Litologia, composição** Metagrauvaque

**Côr** 10YR 6/6 – brownish yellow (seg. Munsell Soil Color Charts 2000) sobre fractura recente

**Outras características** Fragmento de dormente de mó manual com face de desgaste voltada para cima, com ligeira concavidade. Tem vestígios de picagem (ver análise traceológica nesta revista, IGREJA, 2011). Corresponde ao bloco 9 na figura 24.



**Figura 33.** Fragmento de dormente de mó manual: vista da superfície de desgaste.



**Figura 34.** Fragmento de dormente de mó manual: vista lateral.

#### **4. Discussão dos resultados e enquadramento cronológico-cultural**

É curioso verificar que a identificação de um amontoado, discreto e aparentemente caótico, de clastos de quartzo e de metagrauvaque tenha revelado uma estrutura tão singular. A presença, num espaço exíguo, de uma associação de clastos que não se repetia na zona envolvente foi, correctamente, individualizada como sendo uma realidade antrópica, apesar da redução provocada pela infra-estrutura viária e pelas perturbações resultantes de alguns revolvimentos superficiais, recentes.

Além destes efeitos, mais evidentes por serem mais hodiernos, era admissível admitir que o tráfego associado ao antigo caminho de carroças, que passava à beira do montículo, a Sul deste, pudesse ter propiciado perturbações e violações, num tempo mais longo.

Em primeiro lugar, importa discutir a questão relativa à restituição, por extrapolação, da parte da estrutura que foi amputada pela instalação do caminho florestal. A partir dos resultados da escavação, parece-nos plausível propor que, na origem, teria uma configuração circular completa, de acordo com modelo comum em montículos pré-históricos.

Qual a atribuição tipológica mais adequada à estrutura escavada?

As características morfológicas e construtivas da estrutura em apreço, bem como os escassos artefactos identificados no decurso da escavação arqueológica (fragmento de recipiente cerâmico e fragmento de mó manual) permitem-nos sustentar uma cronologia dentro da Pré-História Recente, embora sem podermos precisar a que momento, entre o Neolítico e a Idade do Bronze, corresponde a sua construção/utilização. Ao invés, os dados de escavação não permitem determinar, com segurança, a funcionalidade desta estrutura, sem

prejuízo de a compararmos com casos exógenos mais ricos em evidências artefactuais.

Atendendo à antiguidade que lhe atribuímos, à sua configuração geral, monticular e de geometria circular, pese embora a pequena dimensão, em volume, altura e diâmetro, julgamos aceitável enquadrar a estrutura de Vale de Mós 1 na categoria *tumulus*. Com essa atribuição não pretendemos sugerir uma função funerária, que nos parece difícil de demonstrar.

A escavação, da porção remanescente do *tumulus*, revelou uma construção, ou seja, uma associação ordenada, embora heterogénea, de materiais, características que lhe conferem uma função específica (não demonstrada) e, quiçá, um estatuto destacado no seio de um sistema de comportamentos (rituais) regulados do ponto de vista cultural.

Como foi referido, a estrutura apresentava-se constituída por uma coroa de terra e de pequenos seixos de quartzo leitoso, elevada em relação ao exterior e definindo desta forma o limite perceptível do monumento, envolvendo um núcleo composto quase exclusivamente por blocos de metagrauvaque acamados. A transição do núcleo para a coroa exterior

estava materializada numa sequência de lajes de metagrauvaque dispostas radialmente, configurando dessa forma uma segunda coroa, concêntrica com a primeira. As lajes desta coroa interna apresentavam-se inclinadas de modo descendente do exterior para o interior do monumento, como que definindo as paredes de uma bacia, e sugerindo desse modo um receptáculo.

Esta construção era tudo menos caótica, espontânea ou expedita. A sua execução obedecia, decerto, a um procedimento condicionado culturalmente, onde destacamos dois aspectos significantes: em primeiro lugar, o uso, combinado e ordenado, de materiais recorrentes em estruturas monticulares antigas, blocos de metagrauvaque e seixos de quartzo leitoso, estes últimos criteriosamente seleccionados e bem calibrados; em segundo lugar, tanto a coroa exterior, ou aterro constituído por sedimento fino e seixos de quartzo, como a coroa de blocos de metagrauvaque que se apoiava, concentricamente, no aterro, materializam, duplamente, a geometria circular, dominante nas estruturas funerárias, monticulares ou planares, desde o Neolítico até ao Bronze Final, e ainda subsistentes durante a Idade do Ferro, tanto no Sul de Portugal (ver as estruturas funerárias representadas em CORREIA, 2002) como em diversas regiões da Península Ibérica

(BARANDIARÁN *et al*, 2007, capítulo 4 – El Bronce Final y los inicios de la Edad del Hierro).

Tal significado é reforçado com a presença de um fragmento de dormente de mó manual na coroa lítica interna e de um fragmento de taça na base da coroa externa. A presença deste tipo de artefactos, em estado fragmentário, é recorrente, mais uma vez, em sepulturas pré-históricas, atribuindo-se-lhes um estatuto ritual. É pertinente lembrar alguns exemplos.

Acerca da primeira tipologia, as mós manuais, o conjunto de sepulturas megalíticas da bacia do Sever (OLIVEIRA, 1998: 534-536), que foi criteriosamente estudado, fornece-nos dados de muito interesse, até pelo significado estatístico que ali adquirem, entre os monumentos da região granítica. O investigador deste conjunto tumular assinala a presença de 82 elementos de moagem (dormentes e moventes de mó manuais), ocorrendo maioritariamente no interior de alvéolos de esteios ou na estrutura da mamoa. Neste conjunto, os dormentes ocorrem em maior número que os moventes e 84% destes exemplares estavam intencionalmente fragmentados. Outro dado expressivo reporta para a presença esmagadora deste tipo de artefactos nos monumentos de

corredor curto (88% dos casos) em relação aos de corredor longo (12% dos casos).

Num outro tipo de monumento megalítico, singularmente associado a um *tumulus*, não funerário, o menir de Padrão 9, em Vila do Bispo (GOMES, 2007), foi detectado depósito ritual constituído por dormente e movente de mó manual e recipiente cerâmico, sobre o *tumulus*, e diversos dormentes naquela estrutura monticular. Neste sítio, à parte o pacote votivo, dominam as peças fragmentadas e conjuntos incompletos, com predomínio de dormentes. O mesmo autor (GOMES, 2007: 91) refere a presença do mesmo tipo de peças nas estruturas de sustentação de menires, organizados em cromeleques, como é o caso dos Almendres, situações onde também ocorrem fragmentos cerâmicos. Já a presença de peças inteiras no Xerez (GOMES, 2000: 108) poderá indicar a moagem de cereais ou frutos no decurso de refeições associadas ao uso daquele recinto, embora também ali se tenham documentado fragmentos em estruturas de sustentação.

Exemplo de reutilização ritual mais expressiva é a transformação de um grande dormente de mó manual em menir, em Cegonhas, no concelho de Idanha-a-Nova (CARDOSO, GOMES, CANINAS & HENRIQUES,

1995), onde cumulativamente, foram encerrados fragmentos cerâmicos, de vasos incompletos, na estrutura de sustentação daquela mó-menir. E podíamos colher exemplos exaustivos deste tipo de associação noutros sítios do território continental, nomeadamente em necrópoles mais tardias, da Idade do Bronze, caso do *tumulus* da cista 10 da Alfarrobeira, em Silves (GOMES, 1994: 51) que integrava fragmento de dormente de mó.

Para acentuar o significado de tal presença, e presumindo que a estrutura pertenceria a uma comunidade residente na zona, admitimos que o *habitat* correspondente estaria relativamente afastado desta topografia culminante, porventura a cotas inferiores, mais próximas das margens da ribeira da Sertã. De onde resulta muito relevante, do ponto de vista simbólico, o seu transporte a partir de um habitat para integrar aquela estrutura, fora do seu uso comum (moagem). Mas também podemos admitir que tenha desempenhado uma qualquer função moageira no decurso da construção da estrutura onde se integrou, ou o seu uso, antes disso, numa unidade residencial vizinha. Custa-nos admitir esta última hipótese embora se conheça uma presença residencial (estival) ou funerária, assinalada por mó manual e machados em pedra polida, a elevada altitude (1430m), num sector da mesma

## TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino

cordilheira montanhosa, na Serra da Estrela (CARDOSO & GONZALEZ, 2002).

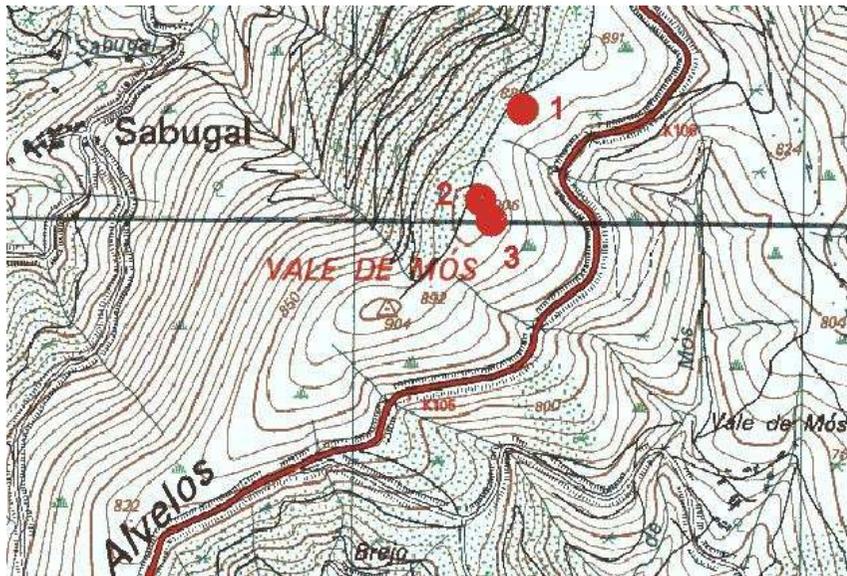


Figura 34. Localização das estruturas de Vale de Mós 1, 2 e 3.

Mas com que finalidade terá sido implantada a estrutura de Vale de Mós 1 em sítio culminante da Serra Vermelha?

Em primeiro lugar, admitimos que a história de Vale de Mós 1 estará associada à de outras estruturas próximas (Figura 34) e, em particular, a

Vale de Mós 2 (estrutura indeterminada) e a Vale de Mós 3 (*tumulus*), situadas cerca de 300m a SO da primeira, num cabeço destacado da cumeada da Serra Vermelha. Embora com diferentes características, estas três estruturas podem ter integrado uma mesma constelação de usos, atendendo, além da proximidade, às similitudes decorrentes da permanência da forma monticular, circular e aos mesmos materiais de construção.

Focando a nossa atenção no universo das estruturas monticulares da Pré-História Recente, e sua diversidade morfológica e funcional, importa referir que Vale de Mós 1 não pode ser aproximada, por comparação, aos *tumuli* ou outros empedrados de planta circular presentes em várias regiões do território português, em particular os que se associam a menires e estelas. Referimo-nos, por exemplo, aos casos de Padrão 9, já citado, um *tumulus*, não funerário, fechado, com um menir ao lado (GOMES, 2007), ao amplo embasamento circular do pequeno menir do Marco da Jugada (Figura 35), em Arouca (SILVA, 1995; SILVA, 2004), ou aos empedrados circulares da necrópole de La Osera (BAQUEDANO & ESCORZA, 1998), com estelas (Figura 36), para afirmar que entendemos não ter servido Vale de Mós 1 como base de peça monolítica.

## TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino



**Figura 35.** Marco da Jugada, Serra de Montemuro, Arouca (foto de Alexandre Correia)

Já Vale de Mós 2 poderia estar mais próximo de uma função como as acima referidas, embora permaneça tão enigmática quanto o empedrado detectado por Jorge de Oliveira a poente da cabeceira da anta da Charca Grande de La Regañada, em Cedillo (OLIVEIRA, 2008).

De facto, a função de Vale de Mós 1, terá de se explicar em função do receptáculo amplo, sugerindo um contentor, que a escavação

evidenciou. Mas, depois de escavada, a sua estruturação também não encontra paralelos entre as inúmeras pequenas arquiteturas monticulares, funerárias, que têm vindo a ser identificadas e estudadas sobretudo nos altiplanos do Centro-Norte de Portugal, a Norte da Cordilheira Central Ibérica, em especial nas regiões de Viseu e Aveiro, casos das serras da Nave, de Montemuro, do Arestal, da Freita, da Gralheira e outros relevos.



Lámina 2 - En primer término el túmulo circular con la estela P. Detrás el túmulo cuadrado de la sepultura 1224, con altar de granito. Esta fotografía se tomó después de excavar y reconstruir ambas estructuras, colocándose la estela (como se comprobó en esta lámina y la anterior) levantada para respetar su posición original. El túmulo circular se halla vacío, a excepción de la sepultura muy superficial 1195, con una cámara hecha a mano. (Fotografía archivo Calvo, sobre susitos cisterciense VI, pag. 123 y cisterciense VII, pag. 47.)



Lámina 1 - Fotografía tomada durante el proceso de excavación de la zona V de la necrópolis de La Osera. Túmulo circular, todavía sin excavar, sobre el que apareció la estela P, mencionada en el texto. (Fotografía archivo Calvo 1933).

**Figura 36.** Túmulos com estelas da necrópole de La Osera (BAQUEDANO & ESCORZA, 1998).

A discussão acerca da finalidade da estrutura de Vale de Mós 1 tende a remeter-nos para o mundo funerário. Mas antes de avançar nessa direcção convém mencionar as diferentes modalidades, ou possibilidades, desse universo ritual. SCHUTTER (2005) lembra que

*“suite aux phénomènes de putréfaction et de minéralisation, les chairs disparaissent et retournent aux éléments naturels que Bachelard appelait «les quatre parties de la mort», soit la terre, l’eau, le feu et l’air. Les stratégies funéraires les plus courantes n’ont pas d’autre but: par l’inhumation les corps est restitué à la terre, par l’immersion à l’eau, par l’incinération au feu et par l’exposition à l’air. Parfois, deux éléments interviennent dans une cérémonie en deux étapes ... Certaines religions imposent le recours à une seule stratégie, à l’exclusion de toute autre.”*

A esta diversidade e complexidade de rituais poderíamos acrescentar, com exemplos de diversas regiões da Península Ibérica<sup>13</sup>, a adição numa mesma necrópole de rituais de inumação e de incineração, a par de estruturas de geometria circular e rectangular, entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.

A inumação e a incineração (parcial e total) estão bem documentadas nos registos arqueológicos da Pré-História e Proto-História, da Península Ibérica, a segunda modalidade com incidência mais tardia, havendo também exemplos da imersão (ria de Huelva).

---

<sup>13</sup> Ver por exemplo José Luís MAYA in BARANDIARÁN *et al*, 2007.

Contudo será porventura mais difícil encontrar registos materiais do ritual da exposição, embora haja referências a esse respeito (BARANDIARÁN *et al*, 2007: 400), para explicar o vazio mortuário na fachada atlântica durante o Bronze Final: *“Desconocemos cuál fue el método empleado, que pudo consistir en la exposición del cuerpo en plataformas para su descomposición o descarnamiento por parte de las aves (como parece intuirse en las representaciones de algunas cerâmicas numantinas), en la incineración y esparcimiento de las cenizas o como se ha argumentado com frecuencia, su hundimiento en las aguas, en relación con otros rituales según los cuales, armas y otros objetos preciados eran arrojados al fondo de rios y lagos”*.

Fizemos esta viagem bibliográfica para introduzir a seguinte reflexão acerca da leitura dos nossos dados.

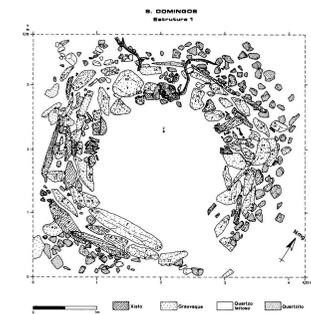
Admitindo uma função funerária, que modalidade teria ali tido lugar? Como dissemos, Vale de Mós 1 não se assemelha a nenhum dos *tumuli* estudados em várias regiões de Portugal Continental, no Centro, casos por exemplo, da Senhora da Ouvida (CRUZ & VILAÇA, 1999), da Serra da Freita (SILVA, 1997), da Fonte da Malga (KALB & HOCK, 1979), da Serra da Muna (CRUZ, GOMES & CARVALHO, 1988), e no Sul, se

quisermos incluir neste universo, casos como as necrópoles de tipo Atalaia.

Poderia o contentor de Vale de Mós 1 ter acolhido um ou mais cadáveres, ou ter sido um ossário, sob estrutura de pedras e terra (montículo) sobrejacente? Não temos indícios que o comprovem, dada a acidez do solo e a flagrante ausência de espólio associado a tais deposições.

Poderia ter servido como *ustrinum* ou empedrado de base de pira crematória (BARANDIARÁN *et al*, 2007: 434)? Não temos indícios de tal utilização, pela ausência de cinzas e de provas da acção de altas temperaturas sobre tal substrato. Contudo, pela sua dimensão e características poderia equiparar-se à suposta cabana 1 (Figura 37) do Monte de São Domingos, atribuída à Idade do Bronze, com 4m de diâmetro (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 1998) ou com o *tumulus* 9 do Amieiro (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 2003), onde a presença de terras rubefactas no interior de ambas as estruturas poderia indicar fogo intencional, associado a cremação, funcionando, deste modo, como bases de piras crematórias. Tanto mais que no

primeiro caso, foi documentada urna cinerária no chão da estrutura maior (cabana 2), considerada uma habitação.



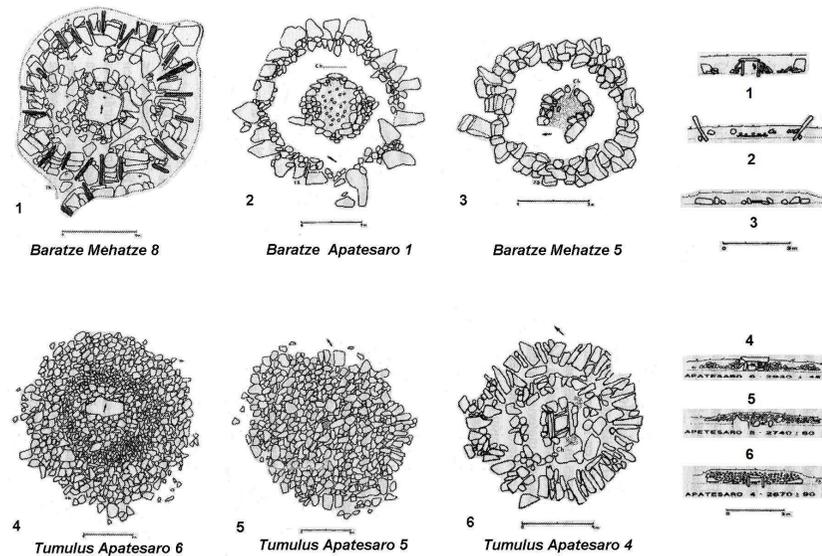
**Figura 37.** Cabana 1 do Monte de São Domingos (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 1998)

Poderia ter servido como estrutura aberta para colocação de cadáver ou cadáveres destinados a descarnação por aves e mamíferos necrófagos, de acordo com o ritual da exposição, bem documentado no mundo antigo e na actualidade? Mais uma vez, não temos dados que o comprovem, embora a morfologia da estrutura pudesse servir tal propósito, ... bem como a sua posição nas alturas. A este respeito refiram-se as estruturas circulares de tipo B da Idade do Bronze da

## TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino

Sardenha, interpretadas como espaços pré-sepulcrais de descarnação de cadáveres (PUGLISI & CASTADI, 1966: 75)<sup>14</sup>.



**Figura 38.** Tumuli e baratze no Alto Ebro (BARANDIARÁN *et al*, 2007, figura 4.23, p. 475)

Contudo, é na zona pirenaica (BARANDIARÁN *et al*, 2007: 472-476), no norte de Espanha (Navarra, Euskalherria, Aragão) e País Basco francês, que podemos encontrar algumas estruturas semelhantes a Vale de Mós

<sup>14</sup> Importa esclarecer que as estruturas de tipo A são sepulturas cobertas por tumuli circulares.

1, como é o caso de Apatesaro 1 (Figura 38), uma estrutura circular que os autores designam com o termo basco *baratze*, significando círculo de pedras. Embora a maioria destas estruturas, muitíssimo numerosas, e com diâmetros que oscilam entre 3m e 7m, se situem em cotas habitáveis, até 1500m de altitude, um número ainda significativo ocorre acima daquela altitude.

As dúvidas acerca da função de Vale de Mós 1 também têm reflexo no conjunto pirenaico acima referido (BARANDIARÁN *et al*, 2007: 474 e 476): “*la pobreza de dato es un obstáculo para una correcta interpretación y cabe dudar de si nos hallamos ante simples tumbas de incineración, cenotáfios o incluso piras en las que se realizaba la reducción de los cadáveres. No obstante, hoy parece probado su carácter funerario, seguramente individual...*”

Para ilustrar as possibilidades funcionais da estrutura de Vale de Mós 1, como construção aberta ao ar, não resistimos a invocar os empedrados (Figuras 39 e 40) utilizados no ritual funerário do budismo tibetano, identificados com o termo inglês *sky-burial*<sup>15</sup>. Importa referir que, após o esquitejamento dos corpos seguido da remoção das partes moles

<sup>15</sup> Sobre o tema ver os atalhos indicados neste texto.

## TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino

pelos necrófagos, o ritual é completado com a trituração dos ossos e a sua mistura com farinha para garantir uma maior eficácia na ingestão dos restos humanos por aquelas aves. Documenta-se, deste modo, a presença, e permanência, no local de pedras de apoio à trituração, quais moinhos manuais.



**Figura 39.** *Sky-burial*. Estrutura funerária do budismo tibetano (in KERRIGAN, 2007), de configuração aparentemente circular.



**Figura 40.** Outro exemplo de plataforma funerária (*sky-burial*) do budismo tibetano<sup>16</sup> de planta quadrangular.

<sup>16</sup> [http://www.google.pt/imgres?q=sky-burial+chinese&start=369&um=1&hl=pt-PT&sa=N&biw=1350&bih=559&tbnid=isch&tbnid=cE7h\\_ONxC0t4iM:&imgrefurl=http://therebelkind.blogspot.com/2010/11/tibet-sky-burial.html&docid=BwG3qKafbx54KM&imgurl=http://3.bp.blogspot.com/\\_ADB\\_wRix0jM/TOU4w7RU5CI/AAAAAAAAABfA/DI74OXkZD8/s1600/tibet5.jpg&w=800&h=600&ei=BJDDTvidIMX1sgas4oDJCw&zoom=1&chk=sbq&iact=rc&dur=188&sig=116801707316594010364&page=33&tbnh=154&tbnw=201&ndsp=12&ved=1t:429,r:4,s:369&tx=118&ty=115](http://www.google.pt/imgres?q=sky-burial+chinese&start=369&um=1&hl=pt-PT&sa=N&biw=1350&bih=559&tbnid=isch&tbnid=cE7h_ONxC0t4iM:&imgrefurl=http://therebelkind.blogspot.com/2010/11/tibet-sky-burial.html&docid=BwG3qKafbx54KM&imgurl=http://3.bp.blogspot.com/_ADB_wRix0jM/TOU4w7RU5CI/AAAAAAAAABfA/DI74OXkZD8/s1600/tibet5.jpg&w=800&h=600&ei=BJDDTvidIMX1sgas4oDJCw&zoom=1&chk=sbq&iact=rc&dur=188&sig=116801707316594010364&page=33&tbnh=154&tbnw=201&ndsp=12&ved=1t:429,r:4,s:369&tx=118&ty=115)

Acerca do processo de descarnação de cadáveres por exposição, é curioso verificar que já Pereira da Costa (COSTA, 1868: 48-49) se referira a este procedimento, entre povos altaicos, antes da colocação dos restos ósseos em sepulturas, porque *“teem elles, para si, que as carnes dos homens illustres não devem servir de pasto a vermes, mas aos habitantes do céu, isto é, às aves de presa.”* E admite que tal prática pudesse também ter existido na Pré-História europeia.

No âmbito da discussão das possíveis finalidades da estrutura de Vale de Mós 1 referimos as estruturas de descarnamento usadas nos rituais funerários tibetanos. Não pretendemos insistir nessa direcção mas não resistimos a citar trecho da segunda carta do Padre António Andrade, datada de 15 de Agosto de 1626, a propósito deste tema, pela circunstância daquele missionário ser nativo de Oleiros.

*“Os corpos dos defuntos no que toca á sepultura pertence aos Lamaz, os quais segundo a estrella em que morrerão lhe dão a sepultura que achão ser mais conueniente; e esta he em tres maneiras, a huns enterrão como nós, e se são gente graue uzão de pyramides altas, e ferozas nos lugares das sepulturas com remates dourados, que parecem muito bem. Outros queimão, e das cinzas misturadas com*

*barro fazem imagens em que jurão como ia disse; outros leuão os Lamaz a certa parte alguns dias de caminho, e os lanção a hum género de passaros brancos, do tamanho de grou; e estes são os mais ditosos. Este he o modo de que uzão em sepultar os que morrem se uiuerão bem, e sem escandalo; porem se a uida foi roim, e como não couinha, despedação o corpo do defunto, e o botão aos cais, com que atemorizão o pouo grande mente”* (na ortografia original em ANDRADE, 1921: 88-89).

Também Heinrich Harrer (2006: 98) se refere à variabilidade dos rituais funerários em função do estatuto social, desde a cremação, para os membros da comunidade de estatuto mais elevado (nobres e lamas), passando pelo desmembramento/exposição, para a generalidade da população, até à imersão, para os mais desfavorecidos.

Pode ser significativa a posição destas estruturas em pontos culminantes da Serra Vermelha, tendo em conta o papel dos locais elevados em cultos antigos<sup>17</sup> de várias partes do mundo (ELIADE, 1992:69-167), *“pois o simples facto de ser «elevado», de se encontrar*

---

<sup>17</sup> Ditos uranianos.

## TUMULUS DE VALE DE MÓS 1 (SERRA VERMELHA, OLEIROS, CASTELO BRANCO)

João Carlos Caninas, Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Adriano Germano, José Luis Monteiro, Emanuel Carvalho, Álvaro Batista, Alexandre Canha e Mário Chambino

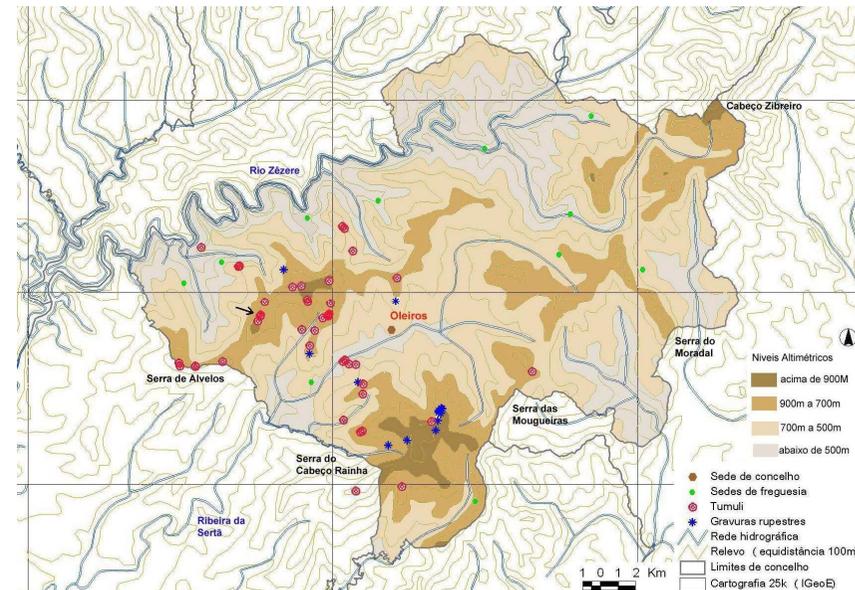
«no alto» equivale a ser «poderoso» (no sentido religioso da palavra) e de ser, como tal, saturado de sacralidade” (p. 71)<sup>18</sup>.

A compreensão deste fenómeno na Cordilheira Central (CANINAS *et al*, 2009) dependerá da acumulação de conhecimentos, tanto ao nível de uma mais completa cartografia de sítios, como do estudo de outras estruturas, com a vantagem de, excluindo os efeitos negativos da florestação, estarmos em contextos conservativos das respectivas materialidades, face à ausência de usos agrícola extensivos. Vejam-se os contributos já dados nesse sentido, por exemplo na Serra Vermelha (Figura 41, CANINAS *et al*, 2008), na Pampilhosa da Serra (BATATA & GASPARGAS, 2009) e no vale do Zêzere (BATISTA & GASPARGAS, 2007).

Como já notámos (CANINAS *et al*, 2009) a compreensão da geografia dos *tumuli* da Cordilheira Central, e em particular na Serra Vermelha,

<sup>18</sup> “A montanha está «mais próxima» do Céu, o que a investe de uma dupla sacralidade: por um lado, participa no simbolismo espacial da transcendência («alto», «vertical», «supremo», etc.), e, por outro, é o domínio por excelência das hierofanias atmosféricas e, como tal, a morada dos deuses. Todas as mitologias têm uma montanha sagrada, variante mais ou menos ilustre do Olimpo grego. Todos os deuses possuem lugares reservados ao seu culto nos pontos altos. As valências simbólicas e religiosas das montanhas são inúmeras. A montanha é frequentemente considerada como o ponto de reencontro entre o Céu e a Terra, portanto um «centro», o ponto pela qual passa o eixo do mundo, região saturada de sagrado, sítio onde podem realizar-se as passagens entre as diferentes zonas cósmicas.” (ELIADE, 1992:140)

terá de abordar, também, a questão da viária antiga, junto de cujos trilhos fósseis se encontram todos estes *tumuli*, e de que temos exemplos paradigmáticos no Noroeste da Península (GÓMEZ VILA, 2005). Mas esse é um tópico a que voltaremos em próximos trabalhos.



**Figura 41.** Cartografia dos montículos (a vermelho) e grafias rupestres (a azul) identificados em Oleiros no âmbito de prospeções arqueológicas. A seta indica a posição da estrutura de Vale de Mós 1.

A terminar, e pese embora as reservas já mencionadas, gostaríamos de afirmar a nossa suspeição quanto ao carácter funerário da estrutura de Vale de Mós 1 e à sua inserção cronológica em momento indeterminado da Idade do Bronze.

## Fontes de Informação

### Bibliografia

ALARCÃO, J. de (2000) **A escrita do tempo e a sua verdade**. Quarteto. Coimbra: 222p

ANDRADE, P.º A. (1921) **O Descobrimento do Tibet**. Academia das Ciências de Lisboa. Imprensa da Universidade. Coimbra: 137p.

BAQUEDANO, I. & ESCORZA, C. M. (1998) **Alineaciones astronómicas en la necrópolis de la Edad del Hierro de La Osera (Chamartín de la Sierra, Ávila)**. Complutum, 9. Madrid: 85-110.

BARANDIÁRAN, I.o, MARTÍ, B., RINCÓN, M. Á. del & MAYA, J. L. (2007) **Prehistoria de la Península Ibérica**. Ariel Prehistoria. Barcelona: 493p.

BATATA, C. & GASPAR, F. (2009) **Carta Arqueológica do Concelho de Pampilhosa da Serra**. Câmara Municipal de Pampilhosa da Serra e Ozecarus.

BATISTA, Á. & GASPAR, F. (2007) **Dados arqueológicos inéditos a Norte do Concelho de Abrantes**. Zahara, nº 9, Ano 5. Centro de Estudos de História Local – Palha de Abrantes. Abrantes: 75-83.

CANINAS, J.C., HENRIQUES, F., BATATA, C. & BATISTA, Á.o (2004) **Novos Dados sobre a Pré-História Recente da Beira Interior Sul. Megalitismo e Arte Rupestre no Concelho de Oleiros**. Separata da revista Estudos de Castelo Branco, Nova Série, 3. Castelo Branco: 30p.

CANINAS, J., HENRIQUES, F., BATATA, C., BATISTA, A., SABROSA, A., CANHA, A., HENRIQUES, F. R., CHAMBINO, M. & MONTEIRO, M. (2005) **Serra de Alvélos. Sepulturas sob montículo artificial e gravuras rupestres**. Catálogo da Exposição *25 Sítios Arqueológicos da Beira Interior*. Associação de Desenvolvimento Estudo e Defesa do Património da Beira Interior (ARA) e Câmara Municipal de Trancoso. Trancoso: 40-41.

CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (2008) **O Património Arqueológico e o Sector Florestal**. Actas das I Jornadas do Património de Belmonte. Câmara Municipal de Belmonte. Belmonte: 285-309.

CANINAS, J. C., SABROSA, A., HENRIQUES, F., MONTEIRO, J. L., CARVALHO, E., BATISTA, Á., CHAMBINO, M., HENRIQUES, F. Robles, MONTEIRO, M., CANHA, A., CARVALHO, L. & GERMANO, A. (2008a) **Novos dados para o conhecimento da Pré-História Recente do Maciço Central na Beira Interior Sul. Tumuli e Gravuras Rupestres na Serra Vermelha e na Serra de Alvélos (Oleiros – Castelo Branco)**. Actas das I Jornadas do Património de Belmonte. Câmara Municipal de Belmonte. Belmonte: 1-38.

CANINAS, J. C., SABROSA, A., HENRIQUES, F., MONTEIRO, J. L., CARVALHO, E., BATISTA, Á., CHAMBINO, M., HENRIQUES, F. R., MONTEIRO, M., CANHA, A., CARVALHO, L. & GERMANO, A. (2008b) **Tombs and rock carvings in the Serra Vermelha and Serra de Alvélos (Oleiros – Castelo Branco)**. in Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula, edited by Primitiva Bueno-Ramírez, Rosa Barroso-Bermejo & Rodrigo de Balbín-Berhmann. British Archaeological Reports, BAR International Series 1765. Oxford: 89-102.

CANINAS, J. C., HENRIQUES, F., BATISTA, Á., CHAMBINO, M., HENRIQUES, F., MONTEIRO, M., CANHA, A. & CARVALHO, L. (2009) **Estruturas monticulares antigas na fronteira sul do concelho do Sabugal**. Sabucale, 1. Revista do Museu do Sabugal. Sabugal: 21-38.

CARDOSO, J. L., CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1998) **Dois cabanos circulares da Idade do Bronze do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Castelo Branco)**. Estudos Pré-históricos, 6. Viseu: 325-345.

CARDOSO, J. L., CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (2003) **Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova)**. O Arqueólogo Português, Museu Nacional de Arqueologia, nova série, nº 21. Lisboa: 151-207.

CARDOSO, J. L., GOMES, M. V., CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1995) **O menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova)**. Estudos Pré-históricos, 3. Viseu: 5-17.

CARDOSO, J. L. & GONZALEZ, A. (2002) **Testemunhos da Ocupação Pré-Histórica da Serra da Estrela**. Almadan, 2ª série, nº 11. Centro de Arqueologia de Almada. Almada: 242.

CORREIA, V. H. (2002) **Circuito Arqueológico da Cola**. Roteiros da Arqueologia Portuguesa. Instituto Português do Património Arquitectónico. Lisboa: 73p.

COSTA, F. A. P. da (1868) **Monumentos Prehistoricos - Descrição de alguns Dolmens ou Antas de Portugal**. Typographia da Academia Real das Ciências. Lisboa: 97p.

CRUZ, D. (1995) **Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste Peninsular e da Beira Alta Senhora**. Estudos Pré-Históricos, 3. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 81-119.

CRUZ, D., GOMES, L. F. & CARVALHO, P. S. (1988) **Monumento 2 da Serra da Muna (Campo, Viseu)**. Estudos Pré-Históricos, 6. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 375-395.

CRUZ, D., GOMES, L. F. & CARVALHO, P. S. (1998) **O Grupo de Tumuli da Casinha Derribada (Concelho de Viseu). Resultados Preliminares da Escavação Arqueológica dos Monumentos 3, 4 e 5**. Conimbriga, 37. Instituto de Arqueologia. Coimbra: 5-76.

CRUZ, D. & VILAÇA, R. (1999) **O Grupo de Tumuli da Senhora da Ouvida (Monteiras / Moura Morta, Castro Daire Viseu). Resultados dos Trabalhos Arqueológicos**. Estudos Pré-Históricos, 7. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 129-161.

ELIADE, M. (1992) **Tratado de História das Religiões**. Edições Asa. Lisboa: 572p.

GOMES, M. V.(1994) **A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves**. Xelb, 2. Silves: 162p.

GOMES, M. V. (2000) **Cromeleque do Xerez. A ordenação do caos**. Memórias d´Odiana, 2. Beja: 17-190.

GOMES, M. V.(2007) **Padrão 9 (Vila do Bispo). Um monumento singular do Barlavento Algarvio**. Xelb, 8. Câmara Municipal de Silves. Silves: 75-102.

GÓMEZ VILA, J. (2005) **Caminos y túmulos. Aproximación al estudio de los caminos megalíticos en el noroeste peninsular**. III Congreso del Neolítico en la Península Ibérica: 405-411.

HARRER, H. (2006) **Sete Anos no Tibete**. Edições ASA. Porto: 406 p.

HARRIS, E. C. (1991) **Principios de Estratigrafia Arqueológica**. Editorial Crítica. Barcelona: 227p.

IGREJA, M. de A. (2011) **Análise traceológica de uma mó manual proveniente do tumulus de Vale de Mós 1 (Oleiros): resultados**. AÇAFA On-line, 4. Associação de Estudos do Alto Tejo: 7p. [www.altotejo.org](http://www.altotejo.org)

KALB, P. & HOCH, M. (1979) **Escavações na necrópole de mamoas “Fonte da Malga” – Viseu**. Beira Alta, 38(3). Assembleia Distrital de Viseu. Viseu: 12p.

KERRIGAN, M. (2007) **The History of Death. Burial customs and funeral rites, from the ancient world to modern times**. Amber Books. London: 192p.

MORAZA BAREA, A., MORO DEORDAL, I. & MUJICA ALUSTIZA, J. A. (2003) **Contribución al estudio de las estructuras tumulares en Arqueología: entre la similitud morfológica y la disparidad de funciones**. Veleia, 20. Vitoria: 243-272.

OLIVEIRA, J. de (2008) **The tombs of the Neolithic artists-shepherds of the Tagus valley and the megalithic monuments of the mouth of the river Sever**. In Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula, edited by Primitiva Bueno-Ramírez, Rosa Barroso-Bermejo & Rodrigo de Balbín-Berhmann. British Archaeological Reports, BAR International Series 1765. Oxford: 117-127.

OLIVEIRA, J. M. F. de (1998) **Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever**. Edições Colibri. Lisboa: 744p.

PUGLISI, S. M. & CASTALDI, E. (1966) **Aspetti del acantonamento culturale nella Gallura Preistorica e Protoistorica**. Studi Sardi, 19.

SCHUTTER, X. de (2005) **Stratégies funéraires**. Dossier Les morts et les rites. Espace de Libertés – Magazine du Centre d’Action Laïque. Bruxelles: 4-8.

SILVA, A. M. S. P. (2004) **Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca**. Câmara Municipal de Arouca.

SILVA, E. J. L. da (1995) **Megalitismo da Bacia do Douro (Margem Sul)**. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35(1). Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Porto: 35-46.

SILVA, F. A. P. da (1997) **Contextos Funerários da Idade do Bronze nos Planaltos Centrais do Centro-Norte Litoral Português: tradição ou inovação?** II Congreso de Arqueología Peninsular, Tomo II – Neolítico, Calcolítico y Bronce. Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora: 605-620.

### Relatórios

CANINAS, J., HENRIQUES, F., BATATA, C. & BATISTA, A. (2003a) **Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Estudo de Impacte Ambiental dos Parques Eólicos de Corgas/Espadana/Fatelo (Proença-a-Nova)**. Elaborado por EMERITA Lda para IPA - Inovação e Projectos em Ambiente Lda. Lisboa.

CANINAS, J., HENRIQUES, F., BATATA, C. & BATISTA, A. (2003b) **Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Estudo de Impacte Ambiental dos Parques Eólicos de Álvelos, Mata do Álvaro, Bravo/Covões, Furnas e Seladolinho**. Elaborado por EMERITA Lda para ProSistemas SA. Lisboa.

CANINAS, J., HENRIQUES, F., BATATA, C. & BATISTA, A. (2003c) **Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico dos Estudos de Incidências Ambientais dos Parques Eólicos de Moradal, Casinhas e Mougueiras**. Elaborado por EMERITA para Profico Ambiente Lda. Lisboa.

CANINAS, J. C., HENRIQUES, F. & GOUVEIA, J. (2003) **Contributos para uma Caracterização do Impacte dos Fogos Florestais de 2003 sobre o**

**Património Arqueológico e o Património Construído no Distrito de Castelo Branco**. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

CANINAS, J. C., HENRIQUES, F., SABROSA, A., HENRIQUES, F. R., CANHA, A., MONTEIRO, M., BATISTA, Á. & CHAMBINO, M. (2005) **Relatório sobre o Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Relatório de Conformidade Ambiental do Projecto de Execução (RECAPE) dos Parques Eólicos de Álvelos/Mata do Álvaro e Seladolinho (Oleiros)**. Elaborado EMERITA Lda para ProSistemas – Consultores de Engenharia, SA. Lisboa.